

Ecce Homo

por

Louis Claude de Saint Martin

Capítulo I

Quando no campo das ciências exatas e naturais, nos defrontamos com os axiomas, não nos perguntamos porque estes são verdadeiros; estamos convencidos que encontram a sua resposta em si mesmos.

Tal sensação encontra a sua razão de ser na relação que existe entre a exatidão daqueles axiomas e a centelha de verdade que brilha em nossa mente. É como se nos encontrássemos de frente a dois raios de uma mesma fonte de luz que mesmo parecendo distantes um do outro, unem-se pela sua analogia e penetrando-se transmitem o calor e a luz reciprocamente.

Servir-nos pelo menos da verdade que os axiomas nos ensinam mesmo parcialmente, pode ser importante para nós, mas a existência desses dois elementos essenciais que acabamos de conhecer não pode determinar nem a exatidão do axioma nem a intensidade da centelha de verdade em nossa mente. Ambos apresentam-se dotados de uma vida natural própria sem perigos de impedimento e os dois raios poderiam separar-se sem produzir nenhum efeito e não perderiam a sua essência e o seu caráter constitutivo. Um matemático poderia encontrar-se imerso no sono; isto certamente não impediria a verdade geométrica de existir e nem o engenheiro de possuí-la ou servir-se dela no momento oportuno.

Existe porem, uma filosofia que nega tudo isto, porque não distingue nos seres a essência como algo distinto das suas várias propriedades, porque detém-se nas simples modificações das coisas e nega, ou antes, condena abertamente a existência autônoma dos seres além das impressões. Queremos simplesmente advertir sobre isto, sem deter-nos em uma discussão, a todos aqueles que não conhecem esta filosofia e asseguramos, que encontrarão em si mesmos a defesa de tais dúvidas. Passemos adiante.

A alma humana, seja por um impulso próprio, seja por uma dádiva, eleva-se ao sentimento íntimo do ser universal que abraça tudo e produz cada coisa, ao sentimento daquele ser desconhecido que chamamos Deus. A alma não mais procura na descoberta de axiomas particulares como dar-se conta da verdade total da qual se sente conquistada, nem da viva alegria que a verdade lhe dirige; esta sente que este grande ser ou este grande axioma existe por si e que é impossível que não exista. Sente igualmente em si, através do contato divino, a realidade da própria vida pensante e imortal. Não tem mais necessidade de indagar sobre Deus nem sobre si mesma; e no afeto santo e profundo que experimenta e diz para si em um verdadeiro e particular êxtase de segurança:

- Deus e o homem são seres verdadeiros que podem conhecer-se na mesma luz e amar-se no mesmo amor.

Como pode a alma ter a sensação exata de tais verdades imutáveis? Em virtude da mesma lei que manifestou à sua mente a certeza dos axiomas parciais; esta sente a existência inatacável do princípio superior de seu ser e dela própria através da relação e das ligações que existem entre estes. Pois sem isto, a convicção da existência destes dois seres não poderia atingir-nos nem fixar-se em nós, e se este fogo divino não encontrasse em nós uma analogia poderosa, nos atravessaria sem deixar nenhum vestígio e nenhum sentimento de si.

Baseado na mesma lei - que aproveitamos ou não os tesouros de verdade revelados do contato divino - o fato possui indiscutivelmente uma grande influência sobre as nossas verdadeiras satisfações, mas não há nenhuma influência sobre a existência em si dos tesouros, nem sobre a existência da parte do nosso ser que constitui o seu receptáculo. Assim, a privação deste sublime sentimento nas almas alteradas, e todos os pensamentos ilógicos que daí derivam, não podem aniquilar nem o princípio necessário e eterno dos seres nem a analogia divina que todos nós temos com este. Aquilo que é pode ser confirmado e valorizado pelos sinais ou testemunhos exteriores, mas não pode derivar destes a própria realidade, enquanto esta é anterior, independente e o existir de fato a traz em si.

Este aspecto de lógica natural, classificando os testemunhos, não exclui os seus privilégios. Aquilo que é, não pode derivar a própria realidade dos sinais e dos testemunhos exteriores, pois tal realidade é anterior a estes. Não é portanto verdade, que na esfera temporal na qual nós estamos, sem eles e sem a sua ação, a realidade do fato não poderia manifestar-se fora de si própria; e nem aqueles sinais e testemunhos exteriores podem considerar-se como indicadores seguros da fiel expressão do tipo de realidade ou do tipo de idéia que se delineia nestes, para fazer-se conhecer. Esta lei, mal aprofundada, deu lugar ao erro dos filósofos induzindo-os a confundir o meio com o princípio, o órgão da manifestação com a fonte desta manifestação.

Ora, visto que percebemos que não existe uma realidade que procura preencher a própria medida, devemos presumir que a imensa quantidade de objetos que nos rodeiam tenham um amplo e importante objetivo, isto é: promover as realidades, cada uma segundo o próprio gênero e a própria classe, ou se quiser, testemunhar em favor daquilo que é e de qualquer sua manifestação. De fato, é útil para o nosso pensamento conhecer os fatos e as realidades, e para a nossa alma assenhorar-se onde cresce o patrimônio da existência.

Mesmo havendo pouca familiaridade com as obras já publicadas sobre temas do gênero, é necessário reconhecer que o nosso ser espiritual e o nosso ser físico, possuem algumas faculdades relativas ao importante escopo do conhecimento. Com efeito, os nossos órgãos materiais transmitem à nossa animação sensível, a impressão das formas e das imagens de todos os objetos que a eles se apresentam, assim como transmitem o sentido das diversas propriedades das quais tais objetos estão revestidos. A nossa alma pensante em seguida, tem a tarefa e o poder de analisar todas aquelas propriedades, de considerar qual seja o escopo da existência de todos aqueles diversos objetos, quando o fim lhe é desconhecido. A alma pensante tem o direito de procurar nos objetos, a idéia da qual estes são a expressão, quais fatos estes atestam, ou quais realidades manifestam; e todos nós devemos admitir que não estamos real e completamente satisfeitos, se não quando, o nosso pensamento alegra-se no conhecer o fim último dos objetos; assim como o nosso ser sensível alegra-se com as impressões que recebe das diversas propriedades dos próprios objetos: novo motivo para convencer-nos que todos os objetos são a expressão de uma idéia. De fato, como poderiam estes, conduzir nossa inteligência à este escopo luminoso e de satisfação, se não fossem eles próprios por assim dizer, descidos do mundo da luz ou do mundo das idéias?

Por outro lado, os hábitos mais comuns entre os homens não nos iluminam sobre a grande verdade, que todos os objetos que nos circundam são a expressão de uma idéia? Todas as invenções das quais se servem os homens hoje em dia para as próprias necessidades, para os próprios prazeres, para a própria comodidade, não portam em si o caráter da idéia a qual devem a própria origem? Um livro não é talvez o sinal do projeto de um homem que decidiu representar os próprios pensamentos em um único órgão? Uma carruagem não é o sinal da intenção de um

homem fazer-se transportar rapidamente e sem fadiga? E também a casa não representa a exigência de obter uma vida cômoda protegidos das intempéries?

Acreditamos portanto, que a Sabedoria suprema tenha também idéias e planos nas suas obras, como nós temos nas nossas. Esta, além disso é com certeza mais fecunda e mais inteligente do que nós. Portanto as suas obras, se conhecêssemos o espírito, teriam a sublime vantagem de dirigir ao nosso pensamento e a nossa alma satisfações mais vivas do que aquelas que dirigem à nossa vista ostentando-nos a pompa de sua magnificência exterior e da rica mas regular variedade de suas formas. Acreditamos ao mesmo tempo, que o objetivo da Sabedoria suprema seja aquele de aplicar o nosso ser na busca dos próprios planos, multiplicando sob os nossos olhos, a imensidade de objetos diversos. De fato, se é verdade que cada realidade procura fazer-se compreender e manifestar-se e que não pode fazê-lo se não com os seus sinais e com os seus testemunhos, nós facilitaremos e ajudaremos esta manifestação interrogando cuidadosamente os testemunhos e os sinais, recolhendo com cuidado ainda maior as suas indicações.

Mas entre todos estes sinais e estes testemunhos, quem mais se não o homem poderia ser mais digno da nossa atenção, e revelar-nos as maiores verdades? Quem mais nos ofereceria indícios mais significativos? Quem mais deixaria correr perante nós os numerosos rios de fogo que parecem brotar vivamente de seu pensamento e de seu coração e que nos mostram, por assim dizer, como sentado sobre o trono de todos os mundos para julgá-los e governá-los sob os olhos do Soberano invisível, o único ser que o homem encontra acima de si?

Todos os outros sinais que compõem o universo não nos são oferecidos, dada a fragilidade que os caracteriza e a suas surpreendentes disparidades, se não como tantos outros reflexos passivos e parciais de potências espirituais e secundárias da divindade.

O homem, pelo contrário, aparecendo colocado sob o aspecto da própria divindade, apresenta-se destinado a refleti-la diretamente e de consequência fazê-la conhecer completamente. Portanto devemos procurar mais extensamente de qual fato, de qual realidade ele é chamado a ser o depositário e o testemunho perante todos os seres, pois reconhecemos nele a expressão falante do princípio eterno, e a irrecusável analogia que liga os seres uns aos outros. De fato, entre todas as criaturas ele representa o sinal ativo do axioma total, ou a mais ampla manifestação que o pensamento interior divino tenha emanado.

Se o homem é o único ser enviado como testemunha universal da universal verdade, recolhamos portanto os seus testemunhos, não o abandonemos se não depois de havê-lo cuidadosamente interrogado, e confrontado com si mesmo, com o objetivo de estabelecer os diversos esclarecimentos que podemos receber de seus diversos testemunhos.

Capítulo II

Os principais testemunhos do homem consistem no fato que, sendo ele evidentemente um santo e sublime *pensamento de Deus*, se bem que não seja "*O Pensamento de Deus*", a sua essência é necessariamente indestrutível; por que como poderia um pensamento de Deus perecer?

Em segundo lugar, através da via do pensamento que lhe é própria, Deus ama profundamente o homem; como Ele poderia não amar-nos, como poderia não amar o seu pensamento? Nós mesmos nos deleitamos com os nossos pensamentos!

E ainda (e este é o mais importante testemunho que nos oferece o homem), se o homem é um pensamento do Deus dos seres, nós podemos espelhar-nos só em Deus e compreendermos Deus e nós mesmos, só no seu esplendor, pois uma representação nos é desconhecida até quando não conseguimos atingir o pensamento da qual esta é testemunha e manifestação. Além disso, mantendo-nos afastados desta luz divina e criadora da qual devemos ser a expressão em nossas

faculdades, como o somos na nossa essência, seremos apenas testemunhas insignificantes, sem valor e sem caráter.

Verdade preciosa, é a que demonstra porque o homem, ao contrário aparece como um ser obscuro e é um problema tão complicado aos olhos da filosofia humana.

Mas ainda se conseguirmos espelhar-nos em nossa sublime fonte, como poderíamos delinear a dignidade da nossa origem, a entidade dos nossos direitos, e a santidade de nosso destino?

Homens passados, presentes e futuros, todos e cada um que representais, um pensamento do Eterno, sabeis quais seriam as vossas esperanças e as vossas felicidades, se todos os germens divinos que vos constituem estivessem em atividade e em desenvolvimento? Mas, se além destes grandes privilégios a vossa sorte ainda vos procura com desgostos e gemidos e vos impede de exultar, procureis ao menos, fazendo refletir sobre vós os raios do vosso sol gerador, encontrar aquilo que o homem foi em uma época, que para vós transcorreu, mas cujos testemunhos presentes atestam que não vos foi sempre estranha.

O homem pode não ser mais aquele que foi a um tempo, mas pode sempre aperceber-se daquilo que deveria ser no futuro. Pode sempre sentir a inferioridade da própria substância perecível e material, que tem sobre ele somente o poder passivo de absorver as faculdades na confusão e na opacidade de que é suscetível, enquanto o ser humano tem o poder ativo de até criar múltiplas faculdades que não haveria nunca tido por natureza e sem a vontade do homem.

Aqui justamente apresentamos tal diferença em relação ao homem empírico; esta é muito importante para não reconhecer em vós os sinais da antiga dignidade e da supremacia do pensamento. Tal diferença, quero dizer, poderia conduzir o homem mais ao alto e demonstrar-lhe que as verdades interiores são muito mais instrutivas do que as verdades geométricas; de fato estas últimas se fundamentam somente sobre a superfície, enquanto as outras nascem do centro interior e permitem entrever a profundidade.

Portanto, disto persuadidos, remontamos à nossa origem. Penetramos, com a nossa atividade interior, até o estado no qual poderíamos descobrir se a influência criadora de nossa fonte suprema age no âmbito de nossa atual existência, e se esta transmitiu em nossa natureza todos aqueles princípios de ordem, de perfeição e de felicidade, que nós sentimos dever residir eternamente no Ser soberano do qual descendemos. Todos estes germens divinos, uma vez formados em nós, não trariam consigo o dom de uma vida potente e eficaz? A nossa inteligência não seria por ventura continuamente gerada do sopro destas inumeráveis e eternas fontes de vida que lhe dariam existência e luz? A nossa capacidade de amar seria preenchida da viva e doce universalidade de nosso Princípio originário e não deixaria nenhuma lacuna em nosso afeto sublime e em nosso impulso de santa gratidão para com ele.

Alguns consideram fazer a nossa origem remontar a duas épocas anteriores ao estado no qual se encontra o homem hoje; evidentemente, para alegrar-se com a idéia sábia e consoladora que o mal primitivo não foi eterno, e para deixar à Deus a glória de haver exercitado o sublime privilégio que ele possui, de gerar todas as suas criaturas na plenitude da alegria e de uma felicidade selada por cada penosa função e por cada luta perigosa. Os que sustentam tal hipótese afirmam que na primeira de tais épocas, dado que o mal ainda não existia ou em outros termos, nenhum ser havia ainda se separado do plano divino, as nossas alegrias não teriam então necessidade de realizar-se além de nossa existência. De fato, se estas tivessem realizado-se, isto teria significado o engrandecimento sem fim do eu no infinito, a única coisa real para nós. Teríamos assim conseguido exprimir a nossa felicidade e o nosso amor, em continua ascensão em direção a nossa Fonte, que nunca haveria cessado de inclinar-se amavelmente em nossa direção. Não teríamos necessidade de manifestar-nos diretamente, pois ao nosso redor, tudo

estava completo e a Verdade preenchendo tudo por si, nos olhava como adoradores eternos, sem usar-nos como os seus símbolos e os seus testemunhos. Todos os seres por fim, teriam a alegria da visão e da presença da Verdade absoluta, e nada faltaria para a plenitude de seus afetos e de suas esperanças, tendo a visão da imensidão e da infinita atividade divina.

Sem dirigirmos o nosso olhar a uma ordem de coisas tão elevadas, contentemo-nos aqui em contemplar o momento da nossa missão no universo. Nos deteremos portanto sobre a segunda época de nossa origem, a mais próxima da nossa atual condição. De fato, estando a primeira época tão afastada de nós não teríamos nem menos idéia de sua existência se a segunda não funcionasse como sua intermediária.

Em tal segunda época, que continuaremos a considerar neste caso como a nossa existência primitiva, recebemos os caracteres dos símbolos e dos testemunhos da Divindade no Universo, e nos foi dada toda a potência e todo o esplendor divino conforme o escopo sublime da nossa qualidade espiritual e a nobilidade dos direitos divinamente concedidos para cumprir tal escopo. Por qual motivo de fato, fomos afastados do âmbito da imensidade divina, na qualidade de sinais e de testemunhos, se não para repetir no lugar onde a suprema Sabedoria nos enviou, aquilo que acontecia no círculo divino do ser? E como poderia existir uma zona separada e particular, se alguns seres, turbando o próprio equilíbrio, não tivessem interditado o acesso ao espaço universal, dado que o princípio da Unidade procura inundar tudo por sua natureza, e visto que o mal não pode ser outro se não a concentração parcial de um ser livre e a sua abstração voluntária do reino da universalidade?

Assim como na ordem eterna da imensidade divina, Deus basta à plenitude da contemplação de todos os seres, nós, no momento em que recebemos uma missão individual e uma existência separada dele, poderíamos representa-lo e ser os seus sinais e testemunhos, somente mostrando, com a nossa dimensão, a imagem mais tênue de Deus, para os seres que, concentrados na própria existência, teriam perdido de vista a presença divina, e estariam encerrados na atmosfera particular de seu erro.

Neste âmbito devia manifestar-se de nós mesmos, no momento da nossa origem, todo o plano válido para o andamento da nossa obra. Era necessário que nós explicássemos os pensamentos vivos e luminosos, as virtudes vivificantes e as ações eficazes, para poder ser os representantes do supremo Autor de nosso ser. Quanto mais aprofundarmos a analogia que reconhecemos entre a alma humana e o seu eterno Princípio, tanto mais sentiremos que, sendo Deus a fonte radical e primitiva de tudo o que é perfeito, não poderíamos ser derivados dele, se não dotados daqueles sublimes caracteres que temos apenas delineado, e do qual nossos fracos pensamentos, quando são e regulares, nos representam ainda hoje algumas imagens.

A divindade de fato, não haveria escolhido o próprio pensamento, se não tivesse como objetivo refletir-se em nós, com toda a sua majestade.

Os traços deste selo sagrado, que caracterizam o "animo" do homem, resistem eternamente a todos os poderes destrutivos. Malgrado a vastidão do tempo, malgrado a espessura das trevas, todas as vezes que o homem contempla as suas relações com Deus, encontrará em si os elementos indissolúveis da sua essência original e os indícios naturais de seu destino glorioso. Ele sentirá que segundo este destino glorioso, uma força potente e temível nos foi conferida para submeter a autoridade divina àqueles que poderiam desconhecê-la. Se continuássemos unidos ao nosso ser, nada teria nos subtraído tal potência, se não a houvéssemos liberada por nós mesmos. Ele sentirá ainda que teríamos domínio sobre o nosso império, depois de tê-lo subjugado, e estaríamos ornados de todos os crismas necessários para anunciar em todos os lugares a nossa legítima soberania. Sentirá além disso, que estávamos sobriamente vestidos para tornar ainda

mais majestosa a nossa presença e para que todas as zonas no nosso domínio sujeitas ao esplendor que nos circundava, pudessem oferecer-nos o testemunho de respeito e submissão, devido a missão divina confiada a nós pela mão suprema. Hoje, o único meio para o homem representar-se no seu antigo estado, é aquele de considerar os frágeis sinais que a sua mente pueril substituiu sobre a terra: o gladio dos conquistadores, os cetros, as coroas, a pompa que circunda os soberanos e a respeitosa dedicação de seus súditos. Poderiam encontrar-se ainda alguns traços desformes dos nossos títulos originais, mas jamais recuperar-lhes a virtual função. Mas se é ainda possível para o homem encontrar em si mesmo e nas imagens passageiras da potência convencional e terrestre, os vestígios daquilo que ele poderia ter sido, lhe é mais fácil provar a dolorosa distância daquele destino glorioso; e se ele tem ainda indícios de seus direitos primitivos, tem também provas bem mais numerosas que estes indícios não estão mais em seu poder.

É inútil aqui corroborar com outras demonstrações a degradação da espécie humana; é preciso ser desorganizado para negar esta degradação que é evidentemente constatada dos suspiros com os quais o gênero humano preenche continuamente a terra, e a idéia radical que o Autor dos seres coloque todas as suas produções nos seus elementos naturais. Então porque nós estamos tão afastados do nosso? Por que mesmo sendo ativos por natureza estamos como que submersos e acorrentados pelas coisas passivas? Os homens tem o direito de buscar onde desejarem as causas desta real e aflitiva desarmonia exceto no capricho e no rigor do nosso Princípio soberano, cujo amor, cuja sabedoria e justiça constituem o baluarte perene contra os nossos murmúrios.

De resto, ocupando-nos aqui somente das conseqüências e não das causas desta degradação, pretendemos dirigir-nos somente àqueles que não lhe negam a existência, e que malgrado as dificuldades que afrontam para explicar o mal e a sua origem, julgam, não truncando negativamente a questão como faz a filosofia imprudente, estarem mais satisfeitos com uma verdade difícil e obscura de quanto estariam com um absurdo evidente.

Para delinear as conseqüências desastrosas da nossa degradação, é necessário restaurar-se no estado glorioso do qual gozávamos, como também ao tesouro do qual tivemos em comum a custódia e a divisão. É necessário reconhecer que compartilharíamos solidamente a gloria e a recompensa desta magnífica manifestação, pois compartilharíamos solidamente também os trabalhos da grande obra de purificação a nós designado por Deus. Mas dado que não podemos imputar à Sabedoria suprema de haver conspirado conosco no abuso daqueles sublimes privilégios, somos obrigados a atribuir todos os erros à potência livre do nosso ser. Sendo frágil por natureza - (se assim não fosse teriam existido dois Deuses) - tal potência abandonou-se as miragens da ilusão e precipitou-se no abismo por própria culpa. Julgo inútil analisar novamente tal verdade, havendo-a já amplamente ilustrada em meus escritos anteriores.

Os princípios da sã justiça, imortais como a nossa essência e que igualmente a tal essência, sempre restarão em nós, se bem que muito freqüentemente não os aplicamos justamente, nos ensinam em que coisa nos transformamos por nossa culpa, e nos mostram quais satisfações tal justiça exige de nós.

Começa aqui a aclarar-se o título desta obra e o sentido destas duas palavras "*Ecce Homo*".

Capítulo III

Se houvéssemos permanecido fieis ao nosso santo destino, deveríamos manifestar todos e cada um, segundo o próprio dom, a glória do Princípio eterno. Mas sem sombra de dúvida, devemos reconhecer não haver observado a lei suprema, considerando a nossa atual miséria e simultaneamente o fato que o Autor da justiça não poderia abandonar-nos injustamente em um estado de sofrimento e de privação. O abuso dos nossos privilégios nos induziu a uma

manifestação oposta aquela a nós solicitada, disto deriva portanto, que ao invés de sermos testemunhas de glória e de verdade somos somente testemunhas de desonra e de falsidade.

Visto que hoje toda a família humana partilha da mesma punição, como a um tempo partilhou das mesmas recompensas, cada indivíduo deveria oferecer um sinal particular da humilhação atual como ofereceu um sinal particular de potência na ordem triunfal, segundo o dom que lhe competia. Pretendo dizer que cada um deveria oferecer um sinal particular da pobreza e da privação a qual a justiça suprema nos submeteu no mundo inferior; a fim que em presença de um sinal tão diferente daquele que deveríamos manifestar, se possa dizer de nós com insulto e escárnio: *Ecce Homo: Eis O Homem* será o nosso título degradante e nos recobrirá de humilhação desvelando os frutos amargos que o horror semeou em nós, enquanto deveríamos brilhar na glória se o nosso nome houvesse conservado o seu autêntico caráter.

É suficiente dirigir o olhar à condição dos homens sobre a terra, para julgar a importância de tal justiça.

Quem de nós não pagou de um modo ou de outro o próprio tributo de humilhação? Onde está a nossa força? Onde está a nossa potência? Onde está a nossa luz? Exceto a indignação a desordem e a doença, quais outros testemunhos apresentam hoje as nossas diversas faculdades? Todas as influências que exercitamos ao nosso redor, não são talvez somente influências letais? Existe talvez um só homem sobre a terra que não esteja em condições de oferecer um ou mais sinais desta pesada reprovação?

Oh! homem Se não estás ainda tão consciente para derramar lágrimas sobre a tua miséria, pelo menos não te lances até o ponto de julgá-la um estado de felicidade e de saúde. Não permitas deixar-te levar pela sedução dos mitos. Não te comportes como uma criança doente que para de gritar porque se distraiu com o ruído de um brinquedo que se lhe agita em frente aos olhos, e se acalma, como se não devesse mais temer o mal, momentaneamente tranqüilizado pelo fascínio do brinquedo. A tua mente se deterá por pouco sobre as ilusões que te distraem do mal; mas este não tardará em fazer-se sentir, e tu, Oh! homem, assustado pelo perigo que te ameaça, descobrirás com qual justo fundamento a Sabedoria procura colocar-te em guarda dos teus males exortando-te a sarar.

Todavia, malgrado o rigor das leis que a justiça nos impõe, as conseqüências da nossa condenação, se tornariam muito mais suportáveis uma vez reconhecida a suprema equidade do nosso Juiz. Se trata de reconhecer a bondade de suas reais intenções a nosso respeito e de nos resignarmos voluntariamente à inevitável potência de seus decretos.

Algumas vantagens imediatas derivariam do exemplo mútuo naturalmente oferecido pelos indivíduos. O estado enfermo, débil e tenebroso dos nossos semelhantes, seria para nós um meio visível de instrução chamando continuamente à nossa mente a degradação da família humana.

De outra parte nós retribuirmos aos outros o mesmo favor oferecendo aos seus olhos um espetáculo análogo. Assim representando uns aos outros o reflexo do pecado e da humilhação comum, estaremos todos em condição de reconhecer a iluminada justiça da sentença que atraímos sobre nós; será este o momento inicial do nosso processo de regeneração o qual procura avivar-nos a Sabedoria suprema. Essa é a única estrada que pode levar-nos ao soberano Princípio do amor do qual recebemos forma, e que nós mesmos fomos forçados a banir-nos dos domínios que nos havia confiado.

Oh! valentes homens das letras, servi-vos da vossa eloquência, para delinear com cores persuasivas e encorajantes o quadro instrutivo da família humana, o estado no qual os indivíduos representam uns aos outros outras tantas lições viventes.

A visão da miséria comum, suscitará então nos indivíduos um horror salutar de si próprios e um interesse apaixonado pela reabilitação de todos os membros desta grande família. Mostre-lhes no ato de nutrir-se do pão das lágrimas, enquanto observam uns ao lado dos outros, o silêncio triste da dor, sem interrompe-lo se não para fazer perceber o ritmo acossante da expiação, afim que o homem possa dizer do homem: - Irmão, fundamos sobre uma falsa humanidade o reino da morte e este nos abraça agora com as suas trevas. Não escondamos tal homem de mentira, mantendo-o ainda fechado nas suas desgraças e nas suas baixeiras; procuremos fazê-lo emergir ao aberto afim que o vento vivo penetre-o até a raiz, e o reino da morte estremecido nos seus fundamentos, possa desabar e perder-se no fundo dos próprios abismos.

Mas o homem está bem longe de oferecer um espetáculo similar, nem de prostrar-se de frente a irrevogável justiça que não cessa de soar sobre ele; o mesmo princípio de desordem que nos fez decair da nossa dimensão original, nos persegue, nos acompanha e ainda anima a nossa degradada existência. Como nos mascarou a fonte mortal do nosso extravio, assim este dissimula, dia após dia, os frutos e as conseqüências. O único objetivo de tal princípio destrutivo, é aquele de prolongar a existência do fundamento do mal afim que, perpetuando a nossa ilusão, este possa perpetuar o próprio reino, que infelizmente para nós, fundamenta-se somente sobre os nossos desenganos e sobre as nossas trevas. Aquela força enganosa nos persuade de que seguindo as suas insinuações sedutoras não nos degradamos; e agora que a seguimos, esta procura convencer-nos que não estamos decaídos e nos induz a persuadir da mesma forma todos aqueles que nos cercam. Em outras palavras, nos leva a impor o sinal de nossa específica condenação aos nossos semelhantes, ao invés de confessá-lo junto com o tipo de privação que nos é imposta. O mesmo princípio deteriorante teve a habilidade de aumentar a carga que nos exaure, com as conseqüências da própria degradação, e com os múltiplos desejos que nos devoram e que nos ocultam o caminho a seguir para levar-nos em direção a reintegração. Os homens procuram portanto, aparecer como se fossem efetivamente dotados dos dons que pertenceriam a nossa verdadeira natureza se todos não houvéssemos cavado um enorme abismo entre nós e a verdade. Os mesmos se preocupam em ocultar a falta de virtudes, a carência de talento, os defeitos físicos e os defeitos que derivam dos privilégios de algumas formas sociais e políticas. O olho de nossos semelhantes tornou-se para nós o único objetivo e o único incentivo para as nossas ações e para os nossos movimentos. A superficialidade assim nos desvia da evolução, que representava o objetivo da Sabedoria, quando, banindo-nos da sua presença exilou-nos todos no mesmo lugar. A contínua ilusão ao invés nos leva sempre mais à ruína e à completa destruição.

De resto desejaríamos aparecer aos olhos do universo, qual divindade própria e verdadeira. Não tendo conseguido tal empresa, não quisemos renunciar a ela completamente, e procuramos ser investidos do nome sacro, pelo menos na opinião dos nossos semelhantes, e de impressionar-lhes com a nossa superioridade, onde estejam dominados, e possam iludir-nos com o doce som da palavra *Ecce Deus*, ao invés se irritar-nos e cobrir-nos de vergonha com a degradante definição *Ecce Homo*.

Em resumo, nos comportamos como aqueles seres lesos em todos os membros, que aspiram ainda a beleza e a uma vida normal, e procuram mascarar a própria mal formação com todo tipo de artificios, sem preocupar-se com a fragilidade dos meios empregados com tal objetivo.

O sacerdote uma vez privado da verdadeira potência e da verdadeira luz, é obrigado a transmitir uma fé cega no caráter e no fundamento assim como o filósofo e o orador suplicam com os sofismas e com a formalidade da eloquência, a falta dos princípios fundamentais, necessários a estabelecer o reino da verdade. Sempre por tais razões, os legisladores exaltam os direitos dos

povos e a potência das nações, mesmo não tendo claro os verdadeiros fundamentos da soberania política. A final também o hipócrita busca com dissimulações e astúcia, o bom nome que não pode esforçar-se em obter com as virtudes; sem considerar aqui todos os abusos, todas as baixezas e todas as injustiças que afligem em toda parte as associações humanas.

Portanto, nós homens adotando meios desviados e corruptos, substituímos a salutar confissão do nosso estado humilhante, pelo quadro de uma glória que é somente fruto de mentira. Enfim a humanidade, ao invés de buscar entre os próprios componentes consolo recíproco, no seu estado de prova, não cessa de atrair males contínuos.

De fato, o emprego habitual dos nossos dias é semelhante a um sacrificar-se recíproco em quanto que percorrendo o caminho traçado pela consciência da nossa fragilidade poderíamos reciprocamente encaminhar-nos no bem.

Os caminhos não naturais sobre os quais o homem se retarda diariamente terminam com contínuas quedas e decepções; em vão os esforços que ele cumpre para destruir a humilhante sentença da própria condenação, fazem-na mais vergonhosa para ele, acrescentando novas perspectivas de decadência a sua degradação original. Ainda inutilmente, ele sente que os meios dos quais se serve são apenas sugestões e não tem uma base bastante profunda para podê-lo conduzir ao verdadeiro objetivo. Todos estes remédios não tendo em si o princípio da vida, são mais nocivos para o seu espírito de quanto não o são as substâncias das quais ele recorre para remediar as carências do físico. Não obstante isto o homem continua a prosseguir no caminho improvisado pela própria imprudência, e continua a esperar que lhe venha cancelado o humilhante título: *Ecce Homo*.

Capítulo IV

Independente dos meios comuns e gerais dos quais se servem quotidianamente o erro e a mentira para obscurecer o olhar sobre o nosso estado de miséria, e para iludir-nos com esperanças inúteis, o espírito das trevas descobriu outros instrumentos muito mais desviados e funestos.

De fato, os erros dos quais já falamos, recaem mais sobre o aspecto exterior do homem e sobre suas características visíveis, do que sobre aquele interior e espiritual. A simples moral então será suficiente para mantê-lo afastado de tais erros; estes portanto, mesmo sendo causa de dor, poderiam fazer no máximo mais difícil o caminho da vida. Pelo contrário, os instrumentos de fraqueza dos quais estamos para falar, tem o tremendo poder de transtornar o homem a tal ponto de não permitir-lhe reencontrar a justa via; aqui o sentido da frase *Ecce Homo* se revela num trágico pranto.

O nosso estado primitivo permitia aproximar-nos de conhecimentos superiores, e de alegrar-nos visivelmente com a vida do espírito, revestido de todo o esplendor da sua luz. Nos conferia também autoridade sobre os diversos habitantes de todo o mundo, hoje para nós ocultos pelo denso véu dos elementos.

Depois da nossa queda, a Sabedoria, em um instante providencial, escolheu um qualquer mortal, mesmo envolto em trevas, para fazê-lo participe de tão grande privilegio.

Mas as mesmas trevas reanimaram-se em contraste com a presença de uma tão grande luz, e procuraram tomar-lhe o lugar, repetindo os eventos dos quais eram testemunhas, ou mesmo atingindo o espírito do homem com os meios para enganá-lo.

As potências obscuras de fato, podem ler contemporaneamente nos férteis meandros do seu pensamento, um modo ainda mais válido e capaz de dirigir contra o eu aquele mesmo pensamento que deveria constituir o seu guia, o seu apoio, a sua certeza em um destino universal. As graças superiores enviadas diretamente da Sabedoria à alguns mortais tinham uma dupla prerrogativa. Ensinavam igualmente a doçura e a magnificência dos dons oferecidos à nossa

alegria, para fazer-nos compreender o quanto absurdo tem sido a negação na qual tivemos a imprudência de imergir-nos. Em tal espírito, aqueles homens privilegiados divulgam as suas instruções aos outros seres.

As obras geradas e corruptas das trevas tem pelo contrário o objetivo de persuadir o homem, que ele goza ainda de todos os seus direitos e de ocultar-lhe o real estado de privação espiritual, que é o verdadeiro sinal característico ao qual está ligada a definição *Ecce Homo*. No conhecimento de tal privação está a condição indispensável da nossa reconciliação com a Sabedoria. Não basta apenas o homem afastar-se de seu interior, para que os frutos das trevas o envolvam e se misturem a sua atividade espiritual, assim como a respiração, se contaminada por um ar malsano, seria sufocante e infectada por um miasma podre pela corrupção. A Sabedoria suprema sabe bem qual o estado dos nossos abismos e portanto procura socorrer-nos o mais possível; freqüentemente porém é obrigada a retirar-se em si mesma, devido a horrível desfiguração dada às suas próprias mensagens. Se qualquer mortal tiver sorte suficiente para provar a aproximação de tal Sabedoria e de poder divisar pela virtude da sua luz a decadente matéria da qual somos compostos e a amargura com a qual a própria Sabedoria se aflige, conhecerá, seja por experiência que por analogia, quais riscos o homem corre do momento no qual se afasta do seu centro interior para terminar na exterioridade.

Os sábios procuram divulgar os seus ensinamentos, com a máxima prudência, e tomam precauções para que os tesouros da verdade não sejam enlameados pela corrupção que opera nos abismos do mundo. Estes sabem muito bem que a fonte da luz reside no centro interior e invisível, e que a razão pela qual o mundo procede assim tão lentamente em direção aos caminhos consagrados do esplendor, é que este se serve somente do instrumento de comunicação exterior e superficial, sem procurar fundá-lo sobre raízes vivas, ou sobre a Potência interior, a única chama que pode reavivar todas as autênticas perspectivas do nosso comunicar. De fato, somente no interior, reside a Palavra viva e criadora.

Além disso, freqüentemente o mundo esquece que as mais preciosas verdades que lhe é dado conhecer, segundo suas naturezas, podem vir expressas somente na dor e com o silêncio, e que a boca física do homem não é digna de enunciar como o ouvido físico não é digno de escutar.

Por causa da sua imprudência transformada em hábito, o homem está eternamente imerso nos abismos da confusão. Abismos destinados a tornarem-se sempre mais funestos e obscuros e a gerar contínuos estados de oposição. Colocado assim no centro de potências múltiplas e terrificantes, que o puxam e arrastam em todos os sentidos, seria verdadeiramente um prodígio se o homem conseguisse conservar no coração um sopro do céu e em toda a espiritualidade uma centelha de luz.

Quais vantagens não oferecemos, com a nossa leviandade, ao Príncipe das trevas, que procura estabelecer o seu reino na imitação da verdade? Certamente nós procuramos abandonar-nos o menos possível a esta fraqueza secreta que nos induz a procurar fora de nós o apoio que podemos encontrar somente em nós mesmos: tentemos conservar-nos, restabelecendo a nossa qualidade de Seres naturais, verdadeiros e simples como crianças ainda susceptíveis para acolher os dons que do alto nos são concedidos. Mas não obstante as várias missões espirituais e divina das quais possamos estar investidos, o Príncipe das trevas nos leva a adentrarmos sempre mais na espacialidade exterior.

Uma vez nesta imersão, ele nos retém com o fascínio e com as alegrias que lá começamos a experimentar e que nos faz rapidamente esquecer aquelas da vida interior, as quais são tão calmas e pacíficas quantas as primeiras são agitadas e turbulentas. Depois de haver-nos retido na exterioridade física, ele nos induz a habitar com o veneno da nossa própria contemplação e com

o funesto instrumento do olho dos nossos semelhantes. Estes, estando afastados como nós do próprio interior, exercitam a sua influência desviante sobre nossas imprudentes manifestações, arrastando-nos na obscuridade e na mentira, despertando finalmente em todos nós os instintos opostos aos chamados da simplicidade, da tranqüilidade e da humildade, inalteráveis e duráveis, que nos teriam animado se com sábia precaução, tivéssemos feito agir o nosso interior e não estivéssemos afastados deste.

Certamente o homem não violaria a liberdade do próprio semelhante, fazendo-o consciente do quanto a verdadeira obra do homem está longe de todos os impulsos exteriores. Como já foi dito, o nosso lugar no mundo exprime o aspecto típico da mesma divindade. Nós repousamos sobre uma raiz viva que deve operar em nós todas as atividades regulares para uma harmonia germinativa. Em torno a nós, e também por nosso intermédio, verificam-se fatos exteriores com respeito ao curso ordinário da natureza. Mas quer exista uma natureza e um mundo, quer não exista, a nossa obra deve sempre haver o seu curso. Nós representamos uma insignificante nulidade, enquanto Deus resume a razão de tudo: devemos portanto venerar à Deus, e não ancorar-nos aos fatos impuros ou legítimos quais quer que sejam estes.

Entre os caminhos secretos e perigosos dos quais o Príncipe das trevas se assenhora para desviar-nos, devemos colocar todas as extraordinárias manifestações que tem caracterizado os séculos e que não nos prejudicariam tanto, se não houvésssemos perdido de vista o verdadeiro caráter do nosso ser, e sobretudo se conhecêssemos melhor a perspectiva espiritual da nossa história a partir da origem de todas as coisas.

Desde sempre, a maior parte daqueles caminhos foram abertos de boa fé, e sem nenhum objetivo perverso, por parte daqueles que os conheciam. Mas não podendo encontrar, em tais homens favorecidos pela sorte, "a prudência da serpente" com a "inocência da pomba", estes estimularam em si o entusiasmo da inexperiência, ao invés do sentimento sublime e profundo da santa magnificência de Deus.

O Príncipe do mal teve assim a possibilidade de intrometer-se nestes caminhos, e nestes gerar uma infinidade de diferentes combinações que tendem a obscurecer a simplicidade ditada pela Luz. Em alguns o Príncipe das trevas provoca leves sombras, quase imperceptíveis absorvidas pela abundância de luzes que as contrabalançam; outras são contagiadas por uma contaminação suficiente para dominar o elemento puro. Em outras enfim, o Príncipe das trevas estabelece o próprio domínio para tornar-se o único chefe e o único regulador das situações.

Alguns escritores inspirados e de boa vontade nos mostraram, na constituição do universo, uma das vias das quais se serve o Príncipe das trevas para propagar as suas ilusões. Tais escritores, prestaram às nações desviadas o maior serviço que se poderia esperar; deverão meditar atentamente sobre este raio de luz. Raio que revelará claramente a fonte da abominação e dos erros religiosos, que por outro lado atraíram, sobre povos famosos, as vinganças da cólera divina. As nações poderão obter os conhecimentos mais vastos e mais úteis para os nossos tempos modernos, os quais, sob tal aspecto, assemelham-se muito mais aqueles antigos de quanto se possa imaginar. A inteligência do homem tem à disposição esta chave; podemos portanto limitar-nos a considerar os frutos da obra das forças tenebrosas, que desviaram tantos mortais; e a percorrer tanto os diferentes sinais sob os quais tais frutos podem ser reconhecidos quanto as desilusões reservadas àqueles que destes se nutrem.

Capítulo V

Podemos aprender a discernir a falsidade das manifestações e dos movimentos exteriores, quando as obras que destes derivam são por assim dizer, as sombras de si próprios, mudanças

superficiais e por consequência não suficientemente vivificantes para religar-nos ao plano da grande obra de Deus.

Por outro lado o escopo do projeto divino, pelo contrário consiste em reconduzir-nos ao nosso centro interior onde habita o divino, evitando dispersar-nos nos centros externos, frágeis, tenebrosos e corruptos onde Deus não reside. Além disso conseguimos reconhecer a falsidade quando as missões dos seres enviados para instruir-nos possuem um caráter vago e indeterminado. A confusão se verifica quando estes enviados se encontram subordinados a árbitros incapazes de julgá-los. Estes se tornam altamente partícipes da destruição de suas próprias obras, pois submetem as suas faculdades iluminantes à direção de guias estranhos a tais inteligências. Ainda podemos reconhecer o erro, quando as profecias dos mesmos enviados oferecem, independentemente deste caráter incerto, o incentivo a afastar-nos do destino natural do espírito do homem. Como se viu, tal espírito é o primeiro sinal e o primeiro testemunho da tonalidade divina, e malgrado, esteja bem longe de atingir aqui sobre a terra o nível dos privilégios e do esplendor originais, este não pode dar um só passo seguro, se não pelo vislumbre da débil centelha que lhe resta.

O espírito do homem, enquanto é o sinal e o testemunho da Divindade, não satisfaria o próprio objetivo natural, se representasse somente o sinal e o testemunho do espírito e dos anjos, das potências da natureza sejam terrestres ou celestes, e das almas dos desencarnados. Se depois de ser anunciado como o sinal e o testemunho da luz divina, este se transformasse, por suas imprudentes ações, no sinal e no testemunho de seres ignorantes, de ações tenebrosas e corruptas, a involução seria ainda mais grave. É impressionante portanto constatar com qual profusão e com qual confusão todos estes erros e todas as particularidades que daí derivam, possam também introduzir-se nas vias de excepcionais manifestações benéficas. Enfim, pressentimos o erro quando estas vias extraordinárias não se apoiam em sólidas estruturas.

As próprias Sagradas Escrituras não seriam verdadeiras se não depusessem em favor do caráter divino como distintivo no homem, do qual ele freqüentemente reconhece estar revestido por meio do Autor supremo dos seres. As escrituras além disso, não seriam aceitáveis se não elegessem o homem a ser o sinal e o testemunho da Divindade única, e se não reconduzissem a alma a este único objetivo mostrando o mal e as trevas que a espera, se a alma transforma-se num sinal e testemunho de formas divinas diversas. Enfim as escrituras não seriam verdadeiras se em todos os eventos que relatam, em todas as profecias que contem e em todas as maravilhas que manifestam deixassem algo à glória humana dos indivíduos, e não indicassem claramente o objetivo exclusivo da afirmação universal da única Verdade suprema. Sob todos estes pontos de vista, as Sagradas Escrituras servem de suporte à natureza do homem, ao seu destino que lhe foi designado em base a sua origem e finalmente deve inspirar cada ação do mesmo. As escrituras apresentam o homem como a criatura chamada à ser a imagem e semelhança de Deus, à dirigir todas as obras à ele confiadas pela sua potência, a conquistar a terra e povoá-la, à atribuir aos seres os nomes que à eles competem e tudo isto, colocando o homem sob o olhar da Divindade, em uma correspondência direta com esta.

Depois da narração sobre a queda, as Escrituras não cessam de recordar ao homem qual era o seu lugar primitivo e de prometer-lhe que se seguir com zelo e coragem as normas e exortações que a suprema Sabedoria enviar para confortá-lo, o Eterno será o seu Deus e a humanidade será o povo do Eterno. As escrituras não cessam de colocar o homem em guarda contra as insídias dos seres habitantes da triste morada que ele ocupa atualmente; procuram mostrar sob mil formas e com muita ênfase os meios pelos quais aqueles seres utilizam para destruir sua felicidade, até quando

não conseguirem mais fazê-lo participe da sua suas abominações, e a colocá-lo a serviço de seus ídolos.

As Escrituras descrevem ainda sob os aspectos mais humilhantes o estado de miséria no qual o indivíduo se reduz havendo esquecido Deus e sendo negligente ao defender-se dos próprios inimigos. De resto o homem é uma criatura verdadeiramente cara ao amor divino; deduzimos sempre pelo quanto se referem as Escrituras. De fato, o inabalável Princípio de todas as coisas colocou-se ao lado do homem, como ao lado do próprio pensamento, para subtraí-lo do destino de morte ao qual estava exposto, e para pagar em nosso nome, o débito do qual somos todos responsáveis perante a justiça humana. Portanto, o rio do amor divino, que é a nossa fonte de vida, não pode parar de fluir para nos regenerar. Aqui sobre a terra o coração do homem não se torna árido pelos próprios irmãos, malgrado as suas injustiças, e estaria sempre pronto à padecer por eles se pudesse a tal preço restituir-lhes a exultante consciência da virtude. Assim também o eterno rio da vida não secou na ora da nossa falta; simplesmente reduziu-se e retirou-se, condenando-nos a comer com o suor da fronte o pão da vida que deveríamos comer não sem trabalho mas sem fadiga.

Este rio foi progressivamente alimentado pelas relações posteriores com o homem promovidas com a evolução dos tempos. Assumi eu enfim a sua antiga extensão, cumprindo para nós a lei de nossa condenação que nós mesmos nos recusamos a cumprir; transformando novamente a sua potência na nossa natureza humana; se revestiu das possibilidades terrestres, de todos os sinais de escárnio e coroadado de espinhos, ferido por golpes, sujo pelas cuspidas, abandonado por todos, sofreu ao ponto que se mostrasse publicamente com uma cana como cetro e que se dissesse dele aos olhos das nações da terra: *Ecce Homo*: eis o estado a que o homem se reduziu, desde o primeiro pecado e através de todas as sucessivas prevaricações.

Graças a esta humilhante confissão, a Justiça reabriu para nós todas as portas do amor porque desta forma as conseqüências do pecado do homem foram manifestadas e denunciadas pelo próprio homem. Sem este terrível testemunho, a morte do Reparador seria uma atrocidade injusta e a misericórdia divina um capricho.

As escrituras pretendem portanto indicar especificamente o veículo do qual se serviu o rio vivificante do amor, para descer como de uma montanha até o nosso ser. Os testemunhos das Escrituras não servem para a alma do homem como prova de todos os princípios que a alma pode ler em si mesma e que são anteriores as próprias escrituras; estas porém, podem oferecer ao homem um apoio sempre sólido e um alimento salutar, e como tais entram novamente no rol dos meios que nos são oferecidos para julgar as manifestações do espírito em geral.

Sirvamo-nos portanto de todos os princípios que apenas delineamos e apliquemo-los àquelas manifestações da vida nas quais o erro se insinua facilmente sobre a verdade, onde paramos na ascensão e colocamo-nos no caminho do Príncipe das trevas entre maravilhas que nos surpreendem e tesouros que nos circundam.

Os caminhos e os dons parciais puderam e poderão verificar-se na atmosfera relativa de todos os tempos, porque em todos os tempos existiram e existirão seres que mesmo não sendo dedicados ao mal, encontram-se todavia em um nível muito inferior em relação ao espírito divino para serem animados por toda a sua força e por toda sua plenitude. Mas para que estas vias limitadas possam ser trocadas pela iniciativa da viva luz, devem ter pelo menos o caráter da vida, devem representar pelo menos em uma menor escala a produção da grande obra. Sem estes pré-requisitos estes seres possuem somente uma função figurativa e se limitam ao aspecto superficial das situações de modo que todos aqueles que se abandonam à estes não penetram nunca até o centro da obra.

Ora, por algumas razões que não creio sejam necessárias aqui expô-las a obra parcial assume facilmente no pensamento do homem o caráter da obra total; a obra do espírito é confundida é confundida facilmente com aquela da Divindade; a obra das potências naturais aparece facilmente com obra do espírito; e mais facilmente ainda a ação das potências cegas e corrompidas é confundida com a ação das potências naturais.

O Príncipe das trevas se aproveita desta infeliz tendência do homem para a confusão e a favorece servindo-se dos direitos que lhe permitimos assumir sobre nós.

Na sua condição relativa o homem deve então combater dois obstáculos, aquele da própria fraqueza e aquele do Príncipe das trevas; obstáculos entre os quais nos movemos sobre o plano terrestre. Pelo contrário o homem admitido na plenitude da obra divina, não deve realizar o mesmo trabalho nem correr os mesmos perigos que descrevemos. Portanto geralmente os homens geralmente trocaram por missão divina as simples missões espirituais; confundirão as missões espirituais com aquelas naturais, as missões naturais com aquelas tenebrosas ou sub-naturais.

Cada um procurou propagá-las do modo como erroneamente as compreendeu, enquanto era necessário concentrá-las na íntima e limitada atmosfera quando verdadeiras ou afastá-las para sempre se estas não tinham o caráter da verdade.

Podemos imaginar quantas ofensas os mesmos portadores de cada missão tenham feito a si mesmos, saindo das próprias esferas e expondo-se imprudentemente e sem forças suficientes a influências antagônicas e corruptas de tantas outras esferas que deveriam permanecer desconhecidas para sempre.

Os frutos que o Príncipe das trevas obteve são incalculáveis e muitas instituições sobre a terra tem sido endereçadas por ele, sejam aquelas reverenciadas como sacras, sejam aquelas que em base a progressivas alterações, conservaram de sua autentica natureza simples emblemas e se transformaram totalmente em instituições profanas. Entre estes dois extremos existem numerosos estados intermediários; mas os germens mais mortais produziram seus frutos nos pontos mais periféricos, porque quanto mais tais germens decaem mais encontram terreno capaz de fecundá-lhes. Como consequência as instituições profanadas revelam a sua origem seja prescrevendo regras absurdas de conduta, seja através de seus meios inerentes, cujos relatos revelaram os espaços puramente naturais, mas honrados como divinos por quase todos os povos da terra, dados as trocas espirituais (bons e maus) dos quais tais espaços são suscetíveis.

Será suficiente aqui, para que o leitor atento faça comparações necessárias, mencionar os cabelos e as unhas que por uma lei muito instrutiva, não são sensíveis; a cabeça do homem na qual a sinuosidade do cérebro e do cerebelo tem relação com o intestino. Citemos ainda os astros, nos quais a mitologia de todos os tempos colocam inúmeras imagens hipóteses enfáticas para satisfazer a fantasia humana. Enfim recordemos o Deuteronômio cujo texto o povo hebraico e com este todos os outros povos podem aprender a precaver-se contra a idolatria pois encontram as bases das relações, a mágica analogia dos planos temporais e o conselho para guardar-nos dos Deuses das outras nações.

Concluindo, solicitando um proceder em direção ao inferior o Príncipe das trevas nos impede de obedecer a Lei. Ao invés de fazer-nos aparecer na nossa miséria e com a nossa qualidade humilhante de Ecce Homo, faz com que nos contentemos com as simples potências espirituais e com as simples potências elementares e também com as meras potências figurativas ou talvez simplesmente com as potências de reprovação e ao final nos iludimos em estar revestidos pelas verdadeiras potências de Deus para gozarmos de todos os direitos da nossa origem.

Da facilidade com a qual o Príncipe das trevas generalizou as missões parciais e as alterou até transformá-las em ilusórias, são derivadas as falsas missões.

Capítulo VI

Na categoria das falsas missões encontram-se aquelas que transportam datas e desejam aplicar a movimentos políticos modernos as várias profecias contidas na história judaica. Estas referiam-se somente aos povos ligados a interesses ou a rivalidade com a Judeia, segundo planos divinos insondáveis. Realizados tais planos as profecias utilizadas para anunciá-las exauriram o espírito que nestas se encontravam.

Estes mesmos judeus serão obrigados a elevarem-se até regiões superiores para obter os frutos que lhes foram prometidos, regiões nas quais tal espírito se retirou para aguardá-los. Leiamos portanto em Jeremias 30:24: "*A ardente ira do Eterno não se acalmará até que tenha realizado e executado os propósitos de seu coração. No fim dos dias compreenderéis estas coisas*".

Leia-se ainda em Isaias 60: 18-22, onde a consolação e a alegria com as quais devem ser preenchidos são transferidas a um dia no qual: "*não terás mais o Sol como luz do dia, nem o clarão da noite te iluminará.....O teu Sol não voltará a por-se, e a tua Lua não minguará*".

Leia-se ainda em Joel 4: 1-2 onde diz que: "*depois do retorno da escravidão do povo de Juda e de Jerusalém o Senhor diz que reunirá todos os povos no vale de Josafá para julgá-los*". (Tais expressões dirigem a inteligência a elevar-se acima do vale terrestre). O Senhor promete à estirpe de Judá no versículo 21: "*purificarei (vingarei) então o sangue deles, que não purifiquei antes; e o Senhor habitará em Sion*". Sobre estas últimas palavras recordemos a frase pronunciada por São Paulo em I Cor 15:50: "*A carne e o sangue não poderão receber por herança o reino de Deus*". Dizemos pela mesma razão que o reino de Deus não pode co-habitar com a carne e com o sangue. Será necessário portanto, que a carne e o sangue desapareçam para que possam realizar-se as profecias de paz do antigo testamento.

Se tais profecias forem aplicadas à reintegração do povo de Israel no seu reino temporal e terreno isto quer dizer diminuí-las, certamente querer aplicá-las hoje aos movimentos sociais e políticos significaria desconhecê-las.

Atribuiríamos à estes funções que o espírito não lhes havia conferido.. Não podemos esquecer o estado de nossas sociedades políticas que infelizmente estão abandonadas a simples potências humanas, das quais não podemos esperar nenhum futuro. O reino do homem não é deste mundo, e o Reparador nosso verdadeiro regulador, não se ocupou da ordem política dos reinos da terra, mas os deixou às potências que os dirigem.

Estes aparecem também como se estivessem privados do espírito e mesmo assim no seu agir desordenado a luz espiritual jamais os perde de vista.

As missões das quais ora se fala, não são certamente menos falsas do que quando se anunciam sob o nome humano da Virgem ou sob aquele de outras criaturas privilegiadas. A tendência do homem a santificar os próprios impulsos sentimentais e a divinizar os objetos, bastou para que as simples orações e as simples invocações dirigidas àqueles seres privilegiados, assumissem no seu íntimo um caráter de maior dignidade e imponência. O homem encontra-se como que apoiado quase que exclusivamente no auxílio que tais seres podiam efetivamente dirigir-lhe, enquanto Deus quer favorecer-nos ao ponto de permitir a estes seres orar conosco à Ele.

Pelo contrário nos transpusemos o seu culto com facilidade e imprudência. De fato, quanto mais o homem encontrava naqueles seres escolhidos a paz, a alegria, o apoio do qual havia necessidade, menos se sentia levado a buscar o próprio conforto na própria fonte.

De fato, quantas pessoas orando a tais seres auxiliares, se surpreendem acreditando orar à própria Divindade sem conseguir mais estabelecer a diferença? Quantos se surpreendem

adorando-os acreditando apenas estar orando. Este tipo de idolatria é muito perigosa, porque nasce da nossa sensibilidade do nosso amor e também das nossas virtudes se não das nossas mentes.

O Príncipe das trevas aproveitando dos falsos passos que a nossa sensibilidade mal instruída nos faz cometer nos conduz facilmente em direção à todos os outros chamados desviados que para ele são bem conhecidos. Sob a veneração de nomes transformados em sagrados para nós, ele pode preparar anunciar e operar acontecimentos e maravilhas tão planejados que poderiam enganar os próprios eleitos. Qual a razão então para que o próprio Príncipe das trevas se esforce para conferir a tais nomes uma influência tão considerável com poderes quase divinos se não para esconder o quanto possível o nome do verdadeiro Deus que não lhe permitiria mover-se e o relegaria aos abismos? Pois se é verdade que existem fogos que produzem irradiações e nuvens sobre as quais a imagem de qualquer objeto pode formar reflexos aparentes, é ainda mais verdadeiro a existência de um fogo vivo que opera no silêncio e que oculto como aquele da natureza, produz sem parar os mesmos objetos mostrando toda a regularidade de suas formas e fazendo desvanecer perante a si todas as disformidades.

Certamente o Príncipe das trevas com os nomes dos quais se serve, pode simplesmente executar obras inferiores e ilusórias. Ele tem porém, a capacidade de substituir em um grande número de casos distintos obras autênticas pelas suas semelhanças com uma analogia doutrinal que fundamentada sobre a nossa perigosa sensibilidade ilude o coração com uma sedutora doçura e o espírito com a maravilha da conformidade da missão e a correspondência dos fatos.

Se fossemos menos imprudentes, esta mesma uniformidade não deveria deslumbrar-nos muito mais. Efetivamente o mesmo agente influenciando sobre tais missões dirige todas estas maravilhas, se num ou noutro caso é animado pelo escopo de deslumbrar-nos ao invés de instruir-nos e se deve operar sempre sobre as mesmas bases: conhecendo a nossa fraqueza e a nossa ávida curiosidade (que assim tomam as tonalidades das nossas verdadeiras necessidades) é natural que ele deva obter sempre os mesmos resultados.

Na uniformidade destas profecias e destas missões pode haver uma semelhança com aquelas sacras: de fato ambas nos anunciaram os mesmos eventos e mantiveram a mesma linguagem. Tudo isto não quer dizer que não podemos ser enganados pelas tonalidades aparentes e que o erro não possa, como a verdade, Ter uma linguagem assonante e testemunhos uniformes.

Existem sinais por meio dos quais podemos guardar-nos dos enganos. Basta pensar nos elogios que os agentes destas diversas missões fazem abundantemente àqueles que são chamados e as promessas sobre os brilhantes papeis que realizarão. Sabemos por outro lado que os verdadeiros profetas são pouco elogiados e que o Homem que redimiu nossas culpas prometeu aos próprios discípulos somente ultrajes e perseguições.

Um outro sinal revelador do engano, nos é dado pela divergência das missões extraordinárias com respeito ao caráter das missões fundamentais do Reparador que é a única sobre a qual se pode modelar todas as missões verdadeiras.

As missões mais próximas de nós no tempo se afastam do espírito do Reparador quando localizam sobre a terra o ponto focal das graças divinas que ele prometeu às Nações e para os quais não estabeleceu nenhum lugar baseado nas palavras que disse á Samaritana. João 4: 21-23: *"Vem a hora em que nem neste monte nem em Jerusalém adorareis ao Pai..... Vem a hora e já chegou em que os verdadeiros adoradores hão de adorar o Pai em espírito e verdade e são estes os adoradores que o Pai deseja"*.

As missões se afastam do espírito do Reparador, quando sujeitam os seus agentes à regras humanas e ascéticas discutíveis que o Reparador não as tenha instituído de fato e que sendo

fundamentadas somente sobre um caráter convencional e figurativo, nos oferecem a possibilidade de dar uma opinião sobre o Príncipe oculto que opera a confusão das próprias missões. Se não for o Príncipe das trevas que as dirige e que se serve de normas inconsistentes para sufocar a verdadeira piedade, pode ser que sejam entidades que já partiram deste mundo e que estariam incorporadas naquelas instituições convencionais ou figurativas, durante suas vidas terrenas. Estes, detidos nas regiões inferiores que ainda não ascenderam às regiões de sua perfeita renovação, podem conservar relações terrenas na ordem da piedade inferior e nestas relações sabem ensinar somente doutrinas reduzidas e limitadas nas quais foram instruídos sobre a terra e que ainda não tiveram tempo de separar-se.

O terceiro sinal revelador para manter-nos atentos quanto a um possível aspecto negativo das missões extraordinárias, consiste em analisar o motivo pelo qual as mulheres, dada a sua sensibilidade são preferidas ao invés dos homens para serem preenchidas de todos os favores da glória que tais missões prometem à seus agentes e para reinar nesta espécie de império. De fato, Isaías nos esclarece bem este ponto quando repreende o povo por "*deixar-se dominar pelas mulheres*" (3:12).

Para alguns homens que exercem papéis representativos no âmbito das realizações extraordinárias e de manifestações de força ligadas ao nome da Virgem e de muitas outras criaturas privilegiadas, as mulheres se prestam em massa a desenvolver em qualquer lugar a função de anunciadoras e de missionárias.

Não falo aqui das instituições religiosas que a ignorância, a superstição e a má fé consolidaram sob o amparo daqueles nomes fascinantes, dirigindo sem limites o entusiasmo das populações ignorantes. As desarmonias que daí derivam são comparáveis aquelas que derivam de um abuso análogo na ordem das manifestações.

Para convencer-nos é suficiente deter a atenção sobre os princípios já expostos. Antes de mais nada nós fomos eleitos a sermos o sinal e o testemunho da Divindade e de nenhum outro ser. Além disso as Sagradas Escrituras, que são o arquivo fiel dos nossos títulos e do nosso destino, nos dizem do Reparador em Atos 4:12 : "*Em nenhum outro há salvação, pois nenhum outro nome foi dado sob o céu aos homens por quem possamos ser salvos*".

Em vão os defensores de nomes novos e diferentes se apoiam nas palavras do próprio Reparador que no Apocalipse 2:17 promete: "*dar aos vitoriosos o maná sagrado, e uma pedra branca sobre a qual será escrito um novo nome desconhecido à todos exceto àquele que o recebe*".

Tais palavras são dirigidas contra os mesmos partidários de nomes novos, porque como não se espera que sejam vitoriosos para oferecer à eles um novo nome, demonstrou-se que a promessa não se refere àquelas manifestações.

Além disso estes novos nomes não são conhecidos somente daqueles que os recebem mas também daqueles que não os recebem, enquanto o novo nome prometido pelo Reparador não é conhecido de nenhum outro a não ser daquele que o recebe. Este mesmo Reparador diz no Apocalipse 3:12 : "*Quanto ao vencedor, farei dele uma coluna no templo de meu Deus. E ele nunca sairá fora do templo e escreverei sobre ele o nome de meu Deus e o nome da cidade de meu Deus da nova Jerusalém, aquela que desce do céu de meu Deus, e meu novo nome*".

Estas promessas anunciam que ainda haverá favores para aqueles que aproveitaram os dons já trazidos pelo Reparador. Consequentemente anunciam um incremento àquele nome libertador que ele já nos ensinou. Ora, dado que as manifestações da emotividade apressada e inconsciente, em base a um pretense aumento, oferecem no fundo um nome de criaturas simples, que abusam de nós, contradizem os verdadeiros princípios do nosso ser, injuriam as Escrituras a abolem as promessas pretendendo falsamente aboli-las.

Quanto ao que diz respeito às manifestações e as missões que se apresentam sob o nome do próprio Reparador, não só não nos dão um verdadeiro novo nome, mas atribuem ao Reparador um papel e uma linguagem na qual o próprio Reparador não se reconheceria.

Capítulo VII

O Príncipe das trevas possui o poder funesto mas infelizmente verdadeiro de apoiar suas falsas doutrinas e suas manifestações arbitrárias nos diversos testemunhos das Sagradas Escrituras. Com armas análogas ousou tentar o Reparador e todos aqueles que, sob o exemplo de homens superficiais e crédulos, estão mais submetidos às tradições do que a lei e não se nutriram do espírito para defender-se das ciladas da letra. Assim, o Príncipe das trevas desvia habilmente nosso pensamento do único ser que devemos adotar, do único ser que deve iniciar-nos no seu culto, afim de que tal culto desça sobre seres e nomes inferiores: destes nos separamos com grande pesar, pois os frutos que nos oferecem são mais fáceis de obter, e freqüentemente nos custam somente a adesão passiva, sem nenhuma análise, seguindo o impulso do desejo. Desta forma ele consegue esconder de nós o nosso título humilhante de *Ecce Homo*, dizendo-nos que as obras de misericórdia do Senhor crescem em nós; anunciando-nos com muita facilidade que estas obras de misericórdia se difundem por nosso intermédio; e exaltando aos nossos olhos a grandeza de nossa santidade e o poder de nossas orações. Ele retarda assim qualquer ação direta e pessoal verdadeiramente dirigida à nossa ressurreição. De fato, o príncipe das trevas favorece o nosso orgulho e a ambiciosa sede de elevar-se e resplandecer somente através de nossas próprias forças. Assim ele transforma-se na "*verdadeira e insidiosa figuração da serva*" capaz de exaltar o nosso amor próprio como aquela que seguindo São Paulo não cessava de levar com a sua adivinhação grandes vantagens aos seus patrões (Atos 16: 16-17). O Príncipe ainda engana as nações como enganou aos Judeus dizendo à eles por meio de seus falsos profetas: a paz, a paz quando não existia absolutamente nenhuma paz, assim como repreendia aos Judeus Jeremias em 6:14. Enfim o Príncipe abusa da superficialidade das pessoas anunciando através dos vários oráculos que surgem em toda parte uma pretensa regeneração terrena que muitos consideram como certa e próxima.

Os profetas e apóstolos disseram sim que a hora estava próxima e que o Reino de Deus estava próximo, mas falavam de uma proximidade em espaço e não em tempo. Por outro lado eles não cessavam de repetir que esta hora e este reino seriam atingidos somente por aqueles que o houvessem conquistado a preço do próprio sangue. De resto este abriam aos homens os tesouros da esperança somente depois de tê-los induzidos a abandonar-se ao combate com a mais firme resolução.

Praticamente nenhum homem conhecerá as doçuras prometidas para o reino futuro sem que ele mesmo não se precipite no cadinho da regeneração, de onde sai renovado.

Enfim o Reparador, que é o próprio Reino, predicava simplesmente a penitência e prometia paz às almas somente depois que estas tivessem obtido o próprio jugo sobre ele. Ao contrário os profetas modernos que são simplesmente homens, anunciam a conquista do Reino como uma coisa tão fácil e segura que parece quase poder conquista-lo por isenção, por solicitação ou pelo simples apropriar-se de iluminações independentemente do nosso completo sacrifício e do esforço de todo o nosso ser.

De qualquer maneira não é necessário temer os oráculos modernos, com suas semelhanças gerais, como uma ameaça do Príncipe das trevas. Este com efeito, sabendo que um dia chegará o reino da glória, tem a perspicácia de recordar-nos esta verdade para adquirir credibilidade de nossa parte, mas ao mesmo tempo pouco evidencia as lutas árduas que é necessário em primeiro

lugar sustentar, fazendo tudo isto para impedir-nos atingir aquele reino glorioso do qual ele mesmo nos fala.

Não se comportava assim no tempo de Jeremias? Lamentações 2:14: "*Teus profetas viram para ti vazios em aparência; não revelaram tua falta para mudar tua sorte, serviram-te oráculos de vazio e sedução*". Não governava assim os Judeus no tempo de Isaias? Como atestam as repreensões que Deus dirige à eles através deste profeta em 30:10, de serem como crianças que dizem aos videntes: "*Não queirais ver*" e aos seus profetas: "*Não procureis ter visões que nos revelem o que é reto. Dizei-nos antes coisas agradáveis, procurai ter visões ilusórias....*"

Não me surpreenderia se todas estas profecias, em uma sucessiva regeneração, fossem somente instrumentos da astúcia adotados pelo nosso inimigo para retardar o processo de ascensão do homem.

É verdade que Deus está perto de nós, mas quase todos nós estamos longe de Deus; e operar de modo tal a reaproximar-nos dele é tão fatigante que quase ninguém pode tomar este caminho. Como poderia a nossa fé não ser facilmente seduzida pela nossa preguiça quando algumas profecias nos mostram a regeneração sob aspectos menos terrificantes? Certamente o inimigo, que tem somente o objetivo de retardar o nosso caminho, não deixaria de oferecer esta atraente idéia a todos aqueles que percorrem caminhos extraordinários. Ele sabe que suscitando neles uma doce esperança, a falsa alegria recebida antecipadamente parece dizer aos homens que obterão a verdadeira alegria sem esforço e sem o pesado rigor da privação universal, isto é sem aquele terrível mas salutar sentimento de nosso deplorável estado de *Ecce Homo*. Naturalmente o erro é fácil de enraizar-se na nossa frágil e necessitada humanidade. A apoiar quanto sustento, noto que é necessário constatar como para algumas pessoas estas promessas ilusórias animam a coragem e a atividade, mas sobre outros tem o efeito contrário. Efetivamente, se a maior parte daqueles que se abandonam a esta opinião, quisessem analisar a si mesmos veriam que seu entusiasmo se apoia em parte sobre sua preguiça interior e sobre a secreta esperança que os tempos felizes chegarão rápido e facilmente e suas culpas pessoais serão diminuídas ou aliviadas pelos esforços de todos os eleitos admitidos na regeneração. Penso que aqueles seres acreditarão ter a sensação de serem arrastados pela torrente geral neste grande mar e creio que a esperança tão sedutora de tal viva felicidade, adormeça um pouco nestes a contemplação das duras provas e das terríveis lutas, preço com o qual cada indivíduo deve conquistar a vitória. Quanto mais a esperança mostra à eles o fim consolador, o qual todos nós podemos aspirar, mais ocultos são os difíceis caminhos que os conduzem, de forma tal, que estes consideram já terem chegado ao invés de percorrer os mais horríveis desertos e de destruir os covis mais perigosos.

Portanto não é para maravilhar-se que estes alegrem-se tanto contemplando semelhante perspectiva de prazeres pois o seu espírito atrai a alegria antecipadamente, e a alma se sente de qualquer forma como se estes já possuíssem tal alegria.

Mas se é verdade que nós podemos obter uma coroa semelhante somente a preço do nosso suor e do nosso sangue, é claro que o espírito que nos nutre de tais promessas é um espírito que abusa de nós e busca adormentar-nos e distrair-nos dos verdadeiros sacrifícios que devemos cumprir. Deste modo, aliviando os nossos sacrifícios e trabalhos rumo ao alto, nos coloca em condição de ver diminuída a nossa recompensa quando chegar o momento de recebe-la. O espírito da sedução adotará todos os meios para operar este efeito sobre os seres humanos, e quanto mais tenhamos sofrido e merecido obter o nosso prêmio mais ele estará encerrado e atormentado nos abismos da privação.

O reino dos mil anos ao qual se refere o Apocalipse no capítulo 20, é a base sobre a qual se apoiam todos aqueles que confiam em determinadas promessas. Essas teriam uma aparência

razoável, segundo o texto, sim que se soubesse deter no momento certo onde são postos limites no próprio texto: *"Vi então um anjo descer do céu trazendo na mão a chave do abismo e uma grande corrente. Ele agarrou o dragão, a antiga serpente – que é o diabo, Satanás – acorrentou-o por mil anos e o atirou dentro do abismo, fechando-o e lacrando-o com um selo para que não seduzisse mais as nações até que os mil anos estivessem terminados. Depois disso, ele deverá ser solto por pouco tempo. Vi então tronos, e aos que neles se sentaram foi dado poder de julgar. Vi também as vidas daqueles que foram decapitados por causa do testemunho de Jesus e da palavra de Deus, e dos que não tinham adorado a besta, nem a sua imagem, e nem recebido a marca sobre a fronte ou na mão: eles voltaram à vida e reinaram com Cristo durante mil anos"* (20:1-4).

Está claro em base a estas palavras que existem duas razões distintas pelas quais se cumprirão estas diversas promessas. Uma é a terra visível e poderá encontrar um pouco de alívio pelas suas provas e pelas suas tentações, durante o período no qual a serpente será acorrentada. A segunda é a razão espiritual e invisível ao homem terrestre, onde serão reunidos os justos sob o seu chefe divino para julgar os mortos, os quais ainda não retornaram à vida e não tomaram parte na primeira ressurreição.

Por causa daquele estado de alívio passageiro que, em base a profecia, a terra visível provará não é necessário que os céus sejam percorridos novamente como um manto comum por que a terra não será devolvida a pureza original. De resto, malgrado o aprisionamento do seu inimigo, os homens ainda conservarão em si mesmos muitos aspectos negativos para que o Reino de Deus possa estabelecer-se por intermédio deles.

O seu alívio será todavia alimentado por aquela assembléia santa e invisível que haverá por mil anos nas regiões superiores a do homem, que por um lado manterá o inimigo no abismo, e por outro lado comunicará mais diretamente aos seres terrestre os raios divinos sob os quais cada coisa será visível. Mas os homens em vez de aproveitarem todas estas vantagens, permitirão a todos que aspirações perversas fermentem em seu íntimo, e assim se tornarão tão culpados e incitarão a cólera divina, tornando-se incapazes e desperdiçando os últimos auxílios enviados pela misericórdia suprema. Quando for preenchida a medida, o inimigo será libertado das correntes por algum tempo e fará tantas obras de devastação quanto mais os homens houverem estabelecido relações com ele.

Será então atingido tal excesso de desordem que, derramando as injustiças sobre a terra, atrairá sobre esta o fogo do céu enviado por Deus para operar a destruição (20:9). *"Vi depois um grande trono branco e aquele que nele se senta. O céu e a terra fugiram de sua presença, sem deixar vestígios. Vi então os mortos, grandes e pequenos, em pé diante do trono, e abriram-se livros. Também foi aberto outro livro, o da vida. Os mortos foram então julgados conforme sua conduta, a partir do que estava escrito nos livros"* (20: 11-12). *"A morte e o inferno foram jogados no tanque de fogo. Esta é a Segunda morte, o tanque de fogo. Todo aquele que não foi encontrado escrito no livro da vida, foi lançado no tanque de fogo"* (20: 13-15). Em fim: *"descerá a nova Jerusalém"* (21: 1-3).

Todas as tribulações que antecedem a estas horríveis desordens do fim dos tempos, são somente o *"início dos sofrimentos"* (Mateus 24) e portanto não produzirão a destruição do mundo visível. Representarão pelo contrário uma tentativa do amor divino dirigida aos homens, para persuadi-los à penitência através dos flagelos à eles enviados. Estes flagelos serão depois suspensos por um tempo que se define como mil anos, não somente para que o homem possa trabalhar sobre esta terra e voltar ao caminho da justiça mas também em analogia aquilo que aconteceu na história universal e espiritual do homem e aquilo que acontece na ordem da sua vida física.

Antes do dilúvio, as Nações viviam em paz, "os homens tomavam as mulheres e as mulheres tomavam os maridos". Todavia as abominações da raça de Enoc haviam devorado a terra e estabeleceram o reino do demônio, e a cólera de Deus a destruiu. Ao final da guerra de Antioco e Pompeio, os Judeus estiveram em paz durante algum tempo sob Augusto, no nascimento do Salvador e durante a sua missão, se bem que os Sacerdotes e os Doutores fossem somente instrumentos de injustiça, segundo os Profetas, não obstante este mesmo povo estivesse a ponto de ser exterminado pelos Romanos.

Segundo a ordem física, freqüentemente se nota que as dores e os sofrimentos param alguns momentos antes da morte. Isto acontece seja por um enfraquecimento da ação do mal, seja para dar a alma a possibilidade de reconhecer e assegurar a própria sorte com a penitência, aceitando um sacrifício livre e voluntário. É provável também que no momento em que as dores do doente aliviam, se estabeleça visivelmente sobre ele um pequeno "reino dos mil anos". Isto eqüivale a dizer, uma espécie de juízo ou de confronto entre o seu livro da vida e o seu livro da morte. Tal juízo pode manter antecipadamente, como a primeira morte particular, a imagem daquela primeira morte geral que será poderosamente pronunciada no momento do verdadeiro "reino dos mil anos". Se o homem particular escapa a esta primeira morte preparatória, é provável que a segunda morte parcial – ou seja a primeira morte do Apocalipse – não terá efeito sobre ele.

Os verdadeiros sofrimentos terão lugar quando o inimigo seja libertado, e virá para devastar a terra até a destruição, assim como vemos que no homem físico as angústias da morte o apanha e o destrói depois do intervalo da suspensão momentânea. Estes sofrimentos, ao invés de levar os homens culpados ao renovamento de si próprios e ao reino da paz, lhes conduzirão sob a espada do juízo final, que terá lugar somente depois da definitiva abolição das coisas visíveis e materiais. De resto, somente depois deste decretado final do domínio da materialidade, os justos obterão a completa liberação das regiões das aparências, a imitação do povo judeu, que saiu do Egito ao entardecer (Deuteronomio 16:6).

Capítulo VIII

Ressaltando como fiz, as precauções a tomar no que diz respeito às missões extraordinárias dos tempos modernos, não pretendo culpar os agentes que são utilizados. Na maioria são pessoas que se devem estimar e respeitar suas virtudes. O exemplo deles são certamente mais úteis que nocivos àqueles que buscam alimentar a intensidade de sua fé ao invés de avançar na luz. Mas dado que podem também serem perigosos para aqueles que não se limitam a esta sábia medida, acreditei ser o meu dever prevenir contra as sedutoras maravilhas que os operadores de missões extraordinárias anunciam, e mostrar que não é bom confiar cegamente em seus inspiradores.

Independentemente do que dissemos sobre tais inspirações, não é necessário esquecer que o pensamento, a palavra e as obras do homem preenchem e preencherão o Universo, de uma infinidade de obras e de resultados destinados a conservar o seu caráter original e a compor múltiplas e diversas regiões onde se encontram os idiomas, as iluminações, as descobertas e os verdadeiros conhecimentos que os homens puderam trazer à luz. Nestes porém se encontram também em grande medida as ilusões, os erros, e as hipocrisias emanadas quotidianamente de todos os aspectos humanos: estas irradiações negativas aumentam de tal forma as trevas entorno do indivíduo, que com o passar do tempo estes terminam com o "não ver mais claro" dos Egípcios na hora da libertação do povo de Israel.

Ora a menos que a chave divina não abra por si a alma dos homens, no momento em que esta será aberta por uma outra chave, se encontrará no centro de alguma daquelas regiões e poderá involuntariamente transmitir-lhe a linguagem. Esta linguagem, por mais que nos pareça extraordinária, pode ser falsa e enganadora; e mais, pode ser uma linguagem verdadeira mas não

pronunciada com espírito de verdade e conseqüentemente os frutos não serão verdadeiramente vantajosos.

Portanto, creio oferecer um conselho salutar aos meus irmãos, dizendo-lhes: Homens, meus amigos, desconfiem daquelas alegrias e daqueles entusiasmos que vos provocam as missões de seres escolhidos, nas quais encontrais amparo benevolente. Por que não estais ainda seguro que aqueles anúncios lhes darão tanto bem quanto prazer, já que não estais seguro de haver ante a vós o remédio para ser aplicado às verdadeiras feridas do vosso ser; enfim, não estais seguro que as alegrias que vos prometem e que vos fazem saborear antecipadamente, não retardam as alegrias duradouras que poderíeis obter do vosso interior mais profundo.

De resto, se os anunciadores das missões houvessem atingido o repouso sereno do qual nos falam, vós ainda não estaríeis prontos para isto. Talvez pelo contrário, seria funesto para eles e para vós se a hora conclusiva chegasse assim antecipadamente, se vós e eles não tivessem tido a preocupação de purificar-se antes para não temer nenhuma das terríveis catástrofes que precederão o reino glorioso que vos prometem.

Ouso repeti-lo: permaneeci em um estado de prudência entre os prodígios e as predições que vos circundam; recordai-vos do que diz o Senhor através de Jeremias 23:31-32: *Eis que estou contra os profetas, diz o Senhor, que usam sua língua para dizer: "Eis o que diz o Senhor: Eis que estou contra os profetas que profetizam sonhos mentirosos, diz o Senhor, que os contam e seduzem o meu povo com suas mentiras e seus enganos. Mas Eu não os enviei, não lhes dei ordens, e não são de nenhuma utilidade para este povo".*

Para mostrar-vos como os erros deste tipo são destruidores, e como as falsas missões e as promessas ilusórias de um reino terrestre glorioso vos engana, aprendei a qual preço o homem, aqui sobre a terra, pode obter qualquer iluminação e dar qualquer passo em direção à regeneração.

Depois do pecado, os raios da vossa essência divina encontram-se acorrentados a uma das potências da vossa matéria. Os elementos não cessaram desde aquele instante, de circular em torno de vós e de vos envolver como um grande numero de laços que se acumulam e se fecham a medida que gira a roda de vossos dias. As vossas negligências e fraquezas após o primeiro crime afundaram mais ainda os raios divinos nas trevas, e aumentaram o horror da vossa prisão. É necessário que a cada passo a cumprir para aproximar-nos à razão da luz, uma parte dos obstáculos materiais se desenrolam penosamente sobre nós, como as ataduras de uma ferida se desenrolam dolorosamente, quando é necessário vê-la e medica-la. É necessário que sobre esta parte dos obstáculos se encontrem impressos os traços do tipo de corrupção que vos coroe e da qual estais infectado. Então é necessário que se pronuncie em alta voz, aos olhos de tudo aquilo que vos contempla, um juízo severo e rigoroso, e vós humildemente reconheçais a justiça.

É necessário que estes obstáculos que vos aprisionam se afastem gradualmente e se manifestem na qualidade de outros tantos juízos contra vós.

É necessário que a longa serie dos obstáculos e juízos se estenda desde o vosso ser até aquele tempo de paz do qual o pecado vos afastou, pois tal encadeamento é que determina a distância.

Além disto é necessário que esta longa cadeia esteja presente aos vossos olhos, afim que tenhais continuamente perante vós o temível quadro do que custam ao homem os progressos da busca da verdade, afim que afrontais o caminho com prudência e confessais que cada passo custa uma dor e uma separação. De fato, o vosso ser hoje é composto da ciência do bem e do mal, e é necessário que vós adoteis a faculdade de esclarecer e de discernir os diversos campos; é este o verdadeiro sentido do Deuteronômio 16:3 : *"....para que te lembres do dia que saíste da terra do Egito, todos os dias da tua vida".*

Enfim, é necessário que os obstáculos materiais de todos os homens se desenvolvam assim, e que todos os juízos que estes tenham merecido sejam revelados e expostos na universalidade da vida, afim que as Nações conhecendo o veneno que infecta o indivíduo, possam dizer com horror e desprezo a sua vista: *Ecce Homo*. Só então o reino glorioso poderá descer até o coração do homem, só então, sem temor do engano o homem poderá aspirar à regeneração. Somente quando este título de *Ecce Homo* e o juízo que dele deriva, estarão esculpido em todas as regiões do universo, a justiça estará completamente satisfeita.

Por uma espiritual analogia, o que acontecerá então ao homem universal deve ocorrer desde já a cada um de vós em particular, quem poderá proceder nesta ascensão?

Não podeis duvidar, é aquele que não colocou confiança nas vias artificiosas seguidas da generalidade; mas sentindo em si a dignidade da própria essência, se dirigirá somente em direção à fonte da qual descende, sendo somente esta a única que pode gera-lo novamente. Ele desconfiando de todas as esperanças que lisonjeiam a sua preguiça e o seu orgulho, não se deixará seduzir de fato pelas imagens e pelas obras que a ignorância e as trevas se esforçam para substituir Aquele que é o único caminho, a única verdade, e a única vida e que não pode ser substituído por ninguém.

Infeliz daquele que se deixará atrair por estas imagens e por estas obras materiais de visões instáveis. Ele estará tão angustiado neste separar-se, ao ponto de sentir-se como imerso em um estado de miséria, e o homem teme esta miséria mais do que a um veneno. Estejais pois atentos, no momento em que sentireis esta privação, para não dirigir-se à falsos deuses, e a não dizer como o povo judeu disse à Jeremias (44:17-18): *"Porque continuaremos a fazer tudo o que prometemos: oferecer incenso à rainha do Céu e fazer-lhes libações, como fazíamos nós e nossos pais, nossos reis, e nossos príncipes, nas cidades de Judá e nas ruas de Jerusalém: tínhamos, então, fartura de pão, éramos felizes e não víamos a desgraça. Mas desde que cessamos de oferecer incenso à rainha do Céu e de fazer-lhes libações, tudo nos faltou e nós perecemos pela espada e pela fome"*.

Se sujeitai-vos a preguiça de vosso coração, as vossas alegrias serão passageiras e terminarão com sofrimentos piedosos devido a vossas desilusões e a vossa cegueira. O mesmo Príncipe que vos induziu à estes sofrimentos, vos conduzirá triunfalmente em países distantes para manter-vos em escravidão *"numa terra que vós e vossos pais não conhecestes; servireis lá a outros deuses, de dia e de noite, pois eu não usarei mais misericórdia convosco"*. Enquanto, sempre segundo Jeremia 15:19: *"Por isso assim disse o Senhor e retornas, eu te faço retornar e estarás diante de mim. Se separas o que é valioso do que é vil, tu serás como a minha boca"*.

Quanto a vós, ministros da santa religião que fostes chamados a vigiar sobre o verdadeiro caminho da Aliança, que é o pensamento do homem, se não tomaram o lugar que lhes foi confiado, *"se deixaram Deus sob tendas e não construíram nenhuma casa depois que ele tirou do Egito os filhos de Israel, baseado nas lamentações que o profeta Natan dirigiu à Davi"*; sobre vós cairão diretamente as ameaças das quais os profetas procuraram alertar os servidores fiéis, e os prevaricadores. Se as missões da ilusão e das trevas devem ter conseqüências tão terríveis sobre os órgãos instrumentalizados e sobre as almas que estes arrastam, o que será das verdadeiras missões convertidas em missões da cobiça, da má fé e do sacrilégio voluntário? Sem dúvida não podeis elevar muito a dignidade da vossa pessoa, pois segundo Ezequiel e Malaquias, deveríeis ser os anjos do Senhor sobre a terra, os sentinelas de seu povo.

Mas em base ao vasto quadro que vos foi oferecido, podeis assegurar que jamais haveis desviado a inteligência das pessoas das próprias fontes mais instrutivas e confortantes? De não haver desejado jamais subjugá-la a uma doutrina humanizada e com interesses. De não haver jamais

deixado aos povos somente a fé necessária para submeter-se ao vosso império? De não haver jamais retirado da frente de seus olhos, o cetro vivificante que a sabedoria eterna gerou na terra, como sol de todos os povos? De não haver jamais vós mesmos construído um gládio temível com o bastão de paz que vos havia sido confiado para governar-nos mais no amor do que na justiça? De não haver jamais abandonado o título de pastor quando era necessário instruir o vosso rebanho e conduzi-lo ao pasto; e de não estar investido somente quando se apresentava a ocasião de abandonar aquele rebanho à sorte fatal ou de devorá-lo vós mesmos?

Estais persuadidos que o espírito do homem deva contentar-se com as respostas que vós dais, quando buscam saber porque não nos oferecis mais os dons e as iluminações das quais alegraram-se aqueles aos quais vós sucedestes no tempo? Ora, vós nos dizeis que todas aquelas coisas eram necessárias para estabelecer a Igreja e que não são mais necessárias depois que esta foi constituída. Mas os direitos de nosso ser nos permitem de vos perguntar de qual igreja pretendeis falar. Pois, seguramente não se trata da igreja na qual se viu substituir o espírito conciliador do Evangelho, pelo furor, pelo sangue e pela carnificina; certamente não é aquela na qual se viu substituir os ensinamentos de seus fundadores, a quem o "*espírito tudo ensinava*", por doutrinas obscuras e contraditórias. Nem se trata da igreja na qual, no lugar do espírito do Senhor que deveria preservar as almas, se abriu a entrada aos falsos profetas que as fazem perder-se, e aos espíritos de Piton que as infectam.

Os direitos do nosso ser nos colocam também em condição de observar que os *vossos fundadores eram admitidos a conhecer os mistérios do Reino de Deus, que curavam os doentes, que preparavam a ceia do Senhor, e que perdoavam os pecados a quem deviam perdoar*".

Ora, porque desses quatro mistérios haveis conservado somente os dois que são invisíveis, e pelos quais pedis ainda uma fé cega, enquanto afastais sempre mais dos olhos do nosso corpo e da nossa inteligência os outros dois dons que eram visíveis, e que longe de serem supérfluos para a nossa fé, poderiam ter guiado a fé do povo?

Estais seguros de serem irrepreensíveis aos olhos das nações dizendo à elas com certeza que crescem nos vossos pastos, enquanto vós haveis tanto diminuído o seu sustento? E também nas Nações com santas instituições que haveis conservado, não haveis jamais dado os meios pelo fim, as formas pelos meios, e a tradição pela lei como repreendia o Reparador aos doutores Judeus (Mateus 15)? Não temeis fazer as pessoas adormecerem em um repouso apático, e de talvez haver trabalhado vós mesmos para demolir aquela igreja que nos anunciais como bem consolidada?

Assim encontra-se esta igreja constituída, malgrado os danos por ela sofrido, sem os quais não haveria mediação entre o amor supremo e os pecados da terra. Assim encontra-se esta igreja constituída e nem a força do homem nem aquela do inferno prevalecerão sobre ela. Assim encontra-se esta igreja constituída somente para um dia depor contra aqueles seus ministros que não lhe foram fiéis, para servir à eles como vós de juízo e de condenação, quando se lamentará perante ao tribunal soberano, da injúrias que lhe causaram, transformando os seus hábitos de glória em hábitos de luto e de indignância. Dado que ela haverá patrocinado aqui sobre a terra a causa do amor, o próprio amor defenderá por sua vez a causa desta igreja perante o juiz eterno dos quais os seus ministros haverão suscitado os temíveis atos de justiça. Pensai como serão terríveis estes atos de justiça, pois serão aqueles do amor ultrajado e ferido até na sua misericórdia.

Se estes juízos futuros vos assustam, se por desgraça deveríeis dirigir a vós mesmos qualquer uma das repreensões das quais falamos, retornem o mais rápido possível aos caminhos do vosso sublime ministério e previnam aqueles terríveis atos de justiça dos quais estão ameaçados os

apóstolos da mentira que freqüentemente encontram-se sentados sobre a cátedra da verdade. À eles se dirigia Davi S 94(93):20: "*Pode o trono da destruição ser associado à Ti? Aqueles que talham o mal num estatuto?*" À estes se dirigia Sofonias falando dos crimes de Jerusalém (3:3): "*Seus príncipes, em seu seio, são leões que rugem; seus juizes são lobos da estepe que não deixam nada para a manhã*".

Como fizeram aqueles ministros enganadores para atingir tal injustiça? Começaram com o fechar dos olhos sobre a santidade da nossa natureza, que nos chamava a ser os sinais e os testemunhos do Deus da paz do universo, e ainda mais fecharam os olhos sobre a terrível sentença que envolve toda a raça humana no humilhante significado de *Ecce Homo*. Portanto não perceberam mais aquele rio de amor sobre o qual havia-lhes estabelecido o seu ministério para saciar as Nações.

Suas inteligências ofuscadas não mais reconheceram as confirmações da verdade reportadas em todas as linhas da Sagrada Escritura. Consequentemente, não podendo explicar as Escrituras com a única e verdadeira chave justa, esforçaram-se em explicar primeiro com a chave falsa da sua ignorância, depois com aquela da ambição e finalmente com aquela das paixões. Os ministros se tornaram assim os exterminadores das nossas inteligências, e segundo Isaias 5:20: "*Ao mal chamam de bem e ao bem chamam de mal, transformam as trevas em luz e a luz em trevas, mudam o amargo em doce e o doce em amargo*". Estes sempre segundo o mesmo profeta 5:18: "*se apegam a iniquidade, arrastando-a com as cordas da mentira e o pecado com os tirantes de um carro. Estes são os opressores que saqueiam o povo.....os teus condutores te desencaminham, baralham as veredas em que deves andar*" (3:12).

Em vão, diz Jeremias: "queriam justificar a sua conduta para retornar na graça com o Senhor, porque estes mesmos ensinaram aos outros o mal que fizeram, pois foi encontrado em suas mãos o sangue daqueles que assassinaram". Estes atacaram a verdade até no seu santuário, que é o pensamento do homem e o verdadeiro depositário ao qual devem responder.

Capítulo IX

Vós homens de paz, homens de desejo, não vos desencorajeis. Existem entre os ministros do nosso Deus, homens que ainda seguem os caminhos dos verdadeiros Profetas, a santa caridade de nosso mestre e as iluminações de seus Discípulos.

Uni o vosso destino a estes homens eleitos cuja beatitude consiste em haver fielmente respondido à sua eleição. Estes vos conduzirão pelos humildes caminhos de *Ecce Homo*, à regeneração que é o objetivo do vosso destino de origem.

Longe de conduzir-vos pelos caminhos do despotismo e da tirania, vos dirão que todos nós temos um cordeiro por mestre e que somente quando nos tornarmos cordeiros como ele, ele nos reconhecerá como seus discípulos e como seus irmãos.

Longe de cavar perante vós precipícios de trevas e de ignorância, vos dirão que a alma do homem é feita para abraçar no seu pensamento todas as obras que a origem das coisas gerou desde o seu seio. Pois se é verdade que o homem deve ser o testemunho universal de Deus, como poderá identificar-se em tal papel, sem ter o conhecimento e a visão de todos os fatos a favor dos quais está encarregado de depor?

Longe de vos deixar adormecer em uma funesta letargia, e de vos apresentar como uma empresa fácil para cumprir o seu alto destino, vos dirão que podeis ser testemunhos do vosso Deus, somente quando sereis verdadeiros e confirmados na justiça. Vos citarão por exemplo os tribunais humanos onde se faz jurar, as testemunhas, para dizer a verdade, mas onde não se recebem, como testemunhas, pessoas difamadas; instrução simples mas profunda que pode

ampliar a vossa visão seja sobre a vossa natureza primitiva seja sobre a entidade dos vossos deveres.

Longe de vos delinear a regeneração do homem como fácil de conseguir, vos dirão que a obtereis somente alimentando o vosso espírito diariamente com o pão da aflição, como os Israelitas comiam o pão ázimo para preparar-se para suas solenidades, e como ensina a seguinte recomendação dirigida aos primeiros cristãos na carta aos Coríntios, I Coríntios 11:26: "*Todas as vezes que comerdes este pão e beberdes este cálice, anunciareis a morte do Senhor, até que ele venha*".

Vos dirão que no nosso íntimo mais profundo, existe um homem exterior bem mais perigoso para nós e muito mais difícil de derrotar que o homem material. Vos dirão que procedereis no caminho rumo a regeneração, somente quando sentires desprezo contra aquele homem exterior invés de murmurar contra os vossos semelhantes.

É necessário expor aqui uma nova verdade útil e fundamental. Se os homens analisassem a própria conduta e os murmúrios de uns em relação aos outros não haveria uma única repreensão dirigida aos seus semelhantes, das quais estes não seriam culpados. De fato, quem é aquele que não comete a imprudência de censurar as pessoas que o circundam? Quem pode dizer que esta imprudência não seja a verdadeira fonte das faltas daqueles dos quais ele se lamenta e das injustiças que deles recebe? De resto, quem de nós, colocado de frente a si mesmo, se considera irrepreensível sob todos os aspectos, quem preencheu a medida dos dons que lhes foram concedidos e dos deveres que lhes foram impostos, para poder superar todos os obstáculos para manifestar as virtudes divinas, e de estar tão ligado ao Senhor para operar na qualidade de seu justo e potente instrumento? Se não atingirmos este ponto, não devemos censurar aos outros homens pelas qualidades da qual estão privados, pois era o nosso dever preencher as suas deficiências com o desenvolvimento de todas as faculdades do nosso ser.

Alem disso, se a negligência e a cobiça foram o fundamento dos diversos atos de nossa conduta devemos imputar à nós mesmos as conseqüências. Ora dado que estes males são quase universais. Invés de declamar contra as injustiças, incoerências e ações desagradáveis de nossos semelhantes, devemos bater diariamente no peito, pedir reciprocamente perdão e confessar publicamente uns aos outros que a causa de todos os erros dos quais nos lamentamos, deve ser atribuída a nós mesmos. Portanto para retornar na ordem da justiça e da verdade cada palavra de qualquer componente do gênero humano deveria ser uma contínua confissão geral. "*Confessai os vossos pecados uns aos outros*" dizia Tiago (5:16).

Longe de querer submeter-vos a sua opinião, os verdadeiros ministros de Deus (os quais ainda existem) procederão sempre, colocando a si mesmos a parte, de forma a permitir brilhar a única chama que nos deve guiar. Tomarão por exemplo, o príncipe dos apóstolos que malgrado houvesse escutado o que foi dito ao Reparador na montanha santa: "*Este é meu filho bem amado em quem pus minha afeição escutai-o*", não queria que nos baseássemos somente sobre as instruções que ele comunicava, e não temia ao acrescentar: "*Assim demos maior crédito ainda à palavra dos profetas, a quem fazeis muito bem em entender, como a uma lâmpada que resplandece nas trevas até despontar o dia e surgir a estrela da manhã em vossos corações. Pois, antes de tudo deveis saber que nenhuma profecia da Escritura é de interpretação pessoal....*".

Os vossos instrutores vos colocarão em guarda contra todas aquelas manifestações nas quais agentes particulares se apresentam como necessários a salvação das almas e ao renovamento da terra. Assim vem oculto o vulto do único agente que devemos seguir, havendo em si mesmo consumado todas as coisas, pois todas as profecias sobre regeneração foram expressas em Jesus

Cristo, e portanto não resta outra coisa a cumprir que as profecias em torno ao juízo, isto é aquelas sobre recompensa e condenação.

Longe de vos prometer uma paz segura, após a vossa liberação carnal, sereis chamados e este juízo, os homens eleitos vos dirão que se não haveis testemunhado a favor da nossa origem ou da nossa primeira revelação – a qual iluminou os seres perdidos mais divinamente do que as revelações da natureza e do espírito – deveríeis ser obrigados a dar outros testemunhos em favor de todos os outros vínculos que o amor e a misericórdia não cessaram, mesmo depois do antigo pecado, de querer ligar a vós, para vos oferecer a tradução fiel daquele texto original que vós não poderíeis mais ler.

Vos dirão que sereis julgados em base aquelas primeiras relações com a Divindade, pois as sucessivas alianças possuem também seus testemunhos, e o objeto destes testemunhos é a punição de todos aqueles que são legitimamente culpados.

Eis porque a aparição de Moisés e Elias reveste de grande importância e aumenta o peso da condenação dos Judeus. Estes dois profetas depuseram sobre dois fatos dos quais foram testemunhas oculares: Moisés pela publicação da Lei e a promessa do povo de adequar-se a esta. Elias pela prevaricação do povo infiel, e pelos favores distribuídos por parte do céu em favor deste mesmo povo no momento do desespero.

No final dos tempos estes dois profetas retornarão e estarão ao lado do grande Juiz. Lá trarão cada um duplo testemunho: a promulgação da primeira e da segunda Lei, ou das duas alianças, e do abuso que delas fizeram os homens. Ora, como poderão os judeus e todos os outros homens resistir ao duplo depoimento destas duas testemunhas?

Além disso, os homens terão contra si os testemunhos de todas as manifestações da natureza sem que estes tenham delas usufruído, e que terão mostrado sensivelmente aos homens as maravilhas emanadas continuamente do magnífico manifestar-se da vida. Terão contra si os abundantes messes que as Sagradas Escrituras fizeram germinar no ânimo dos justos que as escutaram, analisaram e seguiram. As Escrituras de fato são uma Santa semente que Deus colocou na terra dos homens, ou seja em sua alma, e da qual a Sabedoria espera a cada dia uma colheita para nutrir-se. Dado que a fome desta sabedoria aumenta inconscientemente em proporção a privação na qual a negligência dos homens a constringe esta rejeitará no momento do juízo final aquele que não soube sustentá-la, e a ele oporá o testemunho da colheita que a alma dos justos lhes tenha fornecido.

Além disso os homens terão contra si os testemunhos das próprias injustiças de suas colheitas feitas de ilusões e mentiras. Assim tudo aquilo que deveria sustentá-lo servirá para condená-lo, seja o que deste procede, seja o que virá da natureza, seja o que virá das duas Alianças e finalmente o fruto da colheita dos justos.

De resto, não existe nenhum homem em particular a quem não se possa dirigir estas terríveis verdades, pois não existe nenhum homem no qual estas verdades não podem realizar-se.

Despertai portanto homens imprudentes e displicentes, tremei e orai para não serem surpreendidos pelo depoimento de tantas testemunhas, e dos justos reclamos da sabedoria no momento da colheita. Porque ressoará então sobre vós aquele terrível *Ecce Homo*, e não será mais para abrir-vos a porta da penitência. Aquela porta já foi aberta por aquele que veio para vos conferir este nome. Este nome será pronunciado para comprimir-vos sob um severo juízo na profundidade do abismo.

Se não existe nenhum homem no qual não podem realizar-se todas estas importantes verdades, convencei-vos portanto – homens de paz, homens de desejo, que cada indivíduo nasceu para ser testemunha de todas as outras obras realizadas pela Sabedoria eterna em favor daquele ser

estimado que é a sua imagem. Convençei-vos que cada um de nós deveria oferecer um testemunho ativo dos dons e dos favores que esta sabedoria derrama continuamente sobre a terra, e nós deveremos depor, ativa e concretamente, em favor de todas as alianças que Deus contraiu conosco desde a origem das coisas. Não devemos protelar em cumprir uma obrigação tão importante. Devemos ao invés, temer sair deste mundo antes de ter sido realmente testemunhas dos pactos supremos que esperam o nosso depoimento e o nosso testemunho efetivo e demonstrativo. Devemos temer por não haver satisfeito as condições como podíamos, antes de comparecer de frente a este tribunal superior, onde se efetua uma relação fiel de todos os testemunhos que foram prestados à eterna e serena generosidade do nosso Deus. Não deixemos de considerar que quando descemos do nosso lugar sublime, arrastamos tudo conosco em nossa funesta e ilusória aparência, e conseqüentemente estamos sempre em condição de reencontrar tudo entramos nos caminhos que se seguiram a nossa queda e que não cessam de colocar-se perante nós. Não bastaria que o Reparador tivesse trazido para nós aos olhos de todos o título humilhante de *Ecce Homo*. Não seriam suficientes todos aqueles tesouros de iluminações e de valores que ele abriu para os homens com os seus ensinamentos e com o seu exemplo. Ele teria realizado somente metade de seu escopo, o grande objeto da nossa regeneração, se houvesse agido somente sobre a superfície terrestre na qual habitamos, e nos laços de sua forma material. Mas após ter permitido imolar aquela forma, que é o verdadeiro sinal da nossa prevaricação, e o invólucro do Adão prevaricador, subiu as regiões superiores circundado por uma forma pura; quando do seio daquela forma tão santificada, foi confirmada a escolha dos apóstolos, aos quais tinha sido dado o encargo de apascentar as suas ovelhas e de difundir a Boa Nova; quando enfim foi enviado do alto do seu trono celeste o Espírito Santo que devia ensiná-los todas as coisas e quando se verificou esta pregação por intermédio do dom das línguas, não faltava mais nada ao quadro da história universal da humanidade que o divino Reparador tivesse vindo a expor aos nossos olhos.

Homens, meus irmãos que podeis ler neste Reparador a história universal do homem, qual agente pode vos ensinar outra coisa? Onde podeis alcançar os ensinamentos que esta fonte não tenha apresentado? Se depois de haver nos mostrado na sua pessoa a execução daquela detenção rigorosa que nos condenava a portar ignominiosamente, mas humildemente, o título de *Ecce Homo*, ele levou completamente a termo a sua obra. Ele nos mostrou como, seguindo as suas pegadas e os caminhos que nos abriu, podemos estar seguros de ascender novamente um dia em direção às regiões da luz, e se dirá de nós gloriosamente a nossa chegada nos planos superiores, aquilo que se disse a nossa origem: *Ecce Homo*. Eis o homem, eis a imagem e semelhança de nosso Deus, eis o sinal e o testemunho do princípio eterno dos seres, eis a manifestação vivente do axioma universal!